

RIL



revista literária

2

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

REGULAMENTO DA REVISTA

- 1 — A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais tem por finalidade a publicação de trabalhos literários dos alunos da Universidade;
- 2 — A Revista será editada pelo Serviço de Relações Universitárias da Reitoria da UFMG, anualmente, com o máximo de 200 (duzentas) páginas;
- 3 — A Revista será dirigida por uma comissão de alunos nomeada pelo titular do S.R.U.
- 4 — Não serão aceitos os trabalhos de cunho político-partidário;
- 5 — Será promovido, anualmente, um concurso de contos e de poesias, com prêmios aos primeiros colocados e com a publicação dos melhores trabalhos na Revista;
- 6 — Poderão participar todos os alunos regularmente matriculados nas unidades universitárias e nos colégios da Universidade Federal de Minas Gerais.

CAPA:

**"LAY-OUT" DA FACULDADE
DE ARTES VISUAIS DA UFMG**

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

LUIZ VILELA

LUÍS GONZAGA VIEIRA

★

CIDADE UNIVERSITÁRIA — BELO HORIZONTE
MINAS GERAIS — BRASIL



Enderêço para correspondência:

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Caixa Postal, 1.621

CIDADE UNIVERSITARIA — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

ÍNDICE

Apresentação	7
--------------------	---

CONCURSO DE CONTOS

A Rosa — <i>Walden Camilo de Carvalho</i>	11
Acontecimento de Família — <i>Humberto Werneck</i>	16
A Chave no Escuro — <i>José Márcio Penido</i>	18
Semifácio — <i>Elisa Maria Pereira</i>	23
Verão — <i>Duílio Gomes</i>	24

CONCURSO DE POESIAS

Duas Mil Vêzes — <i>Henry Corrêa de Araújo</i>	31
Sôbre o Pistoleiro e sua Postura — <i>Fernando Rios</i>	33
Cachorro Morto — <i>Marco Aurélio Duarte Gonçalves</i>	40
A Ausente — <i>Adão Ventura Ferreira Reis</i>	45
Poema II — <i>Maria Souza Muniz</i>	46

SEGUNDA SEÇÃO

POESIAS

Incелença — <i>Lauro Augusto Machado Coelho</i>	51
Cantata — <i>Lauro Augusto Machado Coelho</i>	52
Jardineiro — <i>P. Pontes</i>	54

CONTOS

A Boa Pinta — <i>João Bosco de Araújo Moreira</i>	59
Prelúdio — <i>Luís Gonzaga Vieira</i>	61

ENSAIO

Ievtuchenko — <i>Lauro Augusto Machado Coelho</i>	75
---	----

RELAÇÃO DOS TRABALHOS RECEBIDOS

Contos	93
Poesias	95
Publicações	101

APRESENTAÇÃO

Eis o segundo número de nossa Revista Literária.

Ele é lançado respondendo aos incentivos e aplausos dos estudantes, escritores, universidades e órgãos literários do País e do Exterior, e às críticas publicadas em diversos jornais brasileiros.

O Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Professor Gerson de Britto Mello Boson, deu toda a condição necessária para a continuidade das edições.

O interesse pela RL pode ser demonstrado pela primeira edição esgotada, e ainda pelo número de contos e de poesias recebidos para o concurso dêste ano. Se, no número 1, os estudantes prestigiaram a revista, enviando 146 poesias e 18 contos, o número de 198 poesias e 57 contos do concurso de 67 superou as expectativas.

Recebemos trabalhos de estudantes de todas as Unidades da UFMG, e até de outras Universidades, que, infelizmente, fomos obrigados a não aceitar. Os contos e poesias agora selecionados foram classificados por imposições regulamentares, pois o ideal seria publicar todos.

Esperamos que êste segundo número tenha a receptividade do primeiro e continue a receber o apoio dos alunos da Universidade, das entidades que o recebem e da imprensa especializada.

A COMISSÃO

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS

ROSA

ANTOINE DE LUCENA

Walden Camilo de Carvalho

1º Ano — Curso de Formação de Atôres

Sinto a noite escorregando dentro de mim e empapando a terra. Como se fôsse sangue. No chão e no asfalto da cidade que agora está lá bem longe. A noite molha as coisas. A noite possui as coisas com seu negrume e seu sexo. Como estou lírico, meu Deus! Meu medo de criança quando a luz apagava na casa. Procurando as paredes desesperado. Não via nada. Quase uma vontade de chorar. Sei lá, mas me dava um negócio esquisito pra burro. Tinha a impressão que ia morrer. Ninguém devia morrer como se morre. Bastava que a gente depois de viver muito, muito mesmo, quisesse desaparecer, então pluf. Sumia no ar como aquêlê negócio que êles chamam de fogo fátuo. Não via nada.

Meu irmão deve ter acordado. Não é possível. Porquê que não fala comigo? Pelo menos diz que acordou ou qual-quer coisa parecida. Custa nada. Mesmo que eu já soubesse que êle estava acordado desde o comêço da escuridão, não ia me zangar nem nada, juro! Será que não sabe que estou com medo. Estou tão com medo como estou agora, depois de velho. Não muito velho, é claro, mas, meio velho! Eu ia dizendo então que estou com tanto medo como estou agora ou pelo menos começando a ficar. Meu medo continua. Descubra as mínimas coisas da noite, dizia um amigo meu de Varginha que usava óculos e tinha um disco de Missa Luba que eu sempre fazia questão de ouvir quando ia à casa dêle.

Será que se eu chamar a mãe, o pai não xinga? Pelo menos xingou da outras vêzes. Um cavalo dêsse tamanho com mêdo de escuro, vê se tem graça?! Faz tanto tempo isso, ou não faz? Talvez não, talvez até tenha sido no ano passado enquanto eu estava lá ainda. Não, acho que não é. Eu perdido dentro de meu quarto com um irmão dormindo que bem podia estar acordado pra não me dar essa impressão de desespêro. Naquela época eu já sabia o que era desespêro, no duro. Quê me adianta o crucifixo na parede e o retrato de São Jorge (depois vim saber que êsse santo era o xodó das prostitutas, pelo menos das que conheci, se não era de tôdas). Na hora mesmo, como agora, nenhum dêles presta pra bosta nenhuma. Será que fechando o ôlho eu durmo? Se eu vir de nôvo a cara verde do Eurico? Nunca devia ter olhado. Eu sabia que se olhasse ia ficar com o rosto dêle na cabeça pro resto da vida, mas mesmo assim, a minha maldita teimosia. Nunca mais olho ninguém envenenado por arsênico. Vou parar de pensar nessas coisas, senão agora mesmo dou um berro no meio dessa estrada, então vão pensar que estou doido e aquela coisa tôda. Mas que lugar eu vim parar, sô. Não tem nada. Nenhuma casinha pelo menos. Só falta eu ser assaltado. Contando que o ladrão não seja dêsses bem sádicos que passam a navalha na gente de cima até em baixo, porque aí eu nem sei o que vou fazer. Sou até capaz de matar o filho da mãe. E o cara que colocou uma gilete no escorregador do parque? Nossa! Por favor, onde passa lotação aquí? O senhor não é ladrão não, né? Alí perto da árvore. Se fôr, vai me atacar por trás. Agora. Está demorando demais. Já estou sentindo até aquela música que aparece no cinema nessas horas. Cancancancan. Quê que o senhor está esperando? Ê, não deve ser não. Obrigado.

Amanhã vou escrever pra casa. O pai bem que podia me mandar minha parte da herança de uma vez, êle não dura muito mesmo. Aí, eu resolvia tudo. Ê isso que vou fazer. Deixa ver o que eu digo pra Rosa... Falo que tive de colocar o serviço em dia e coisa e tal. Será que cola? Se não colar, azar, sabe! Não, cola sim. O que eu não quero é saber de amo-

lação na minha cabeça. O lotação chegando. Pouca gente, assim que é bom. E se êles forem todos ladrões? Param o ônibus e assaltam. Um pára, e assalta todo mundo, todos os outros ladrões, e eu vou morrer de rir antes que êle saia cortando a cabeça da gente com a navalha. Sim, porque êle deve ter uma navalha. Não admito um ladrão que se preze, sem navalha, isso é que não. Uma? Lógico que é uma. Se estou sôzinho porquê que eu iria comprar duas? Que povo feio, meu Deus. Quim! Um ladrão conhecido. Parece que eu conheço êsse cara. Hein? Rapaz, quê que você está fazendo por aquí, sô? Te conto nada. Vem pra cá. Fui. Agora eu me lembro. Tinha morado comigo na pensão da rua Sergipe. Já tinha uns cinco anos que eu não te via. Pôxa, como tem tempo que eu estou aquí, parece até que no ano passado é que em vim e agora aparece êsse cara e me diz que faz mais de cinco anos que não me vê. Como emagreceu. Devo observar isso ou ficar quieto? Faz de conta que não notei. Não notou como emagreci? Pronto! Você se lembra daquela dona que morava ao lado da pensão? Aquela do industrial? Me pergunta se eu notei que êle emagreceu e depois fala duma mulher que eu nem me lembro mais. Sei. Era uma sardenta bunduda, muito gostosa, que andava dentro de casa só de maiô para o delírio lá da turma. Foi a maior onda de masturbação que já tive notícia. Coletivo, né?! Como fiquei terrível de uma hora pra outra. Assim é bem melhor. Pois é! Ficou olhando como se já tivesse dito tudo. A menos que eu estivesse muito mais distraído do que imagino, não percebi nada, juro! E daí? Êle olhou com os olhinhos de cutia. Eu devia estar com a cara do sujeito mais tapado do planeta. Ora, Quim, tô comendo... Era isso. Não diga, sô! Como é que um cara feio dêsse jeito consegue isso eu ainda não sei. Todo mundo tentou lá na pensão. Teve gente que ficou sem dormir muito tempo bolando um jeito e depois vem um cara dêsses, feio como um chuchu e pronto. Fácil, o marido dela está num congresso no Recife. Ela estava no lotação, eu sentei ao lado e dei a cantada. Foi só. No mesmo dia. Você precisa ver que coisa doida. Todo dia. A mulher é um raio, seu. Mas só

isso? Você continua estudando? Parei. Não tinha mais nada pra dizer. Podia até perguntar mais sôbre o caso da dona, mas pra quê? Não ia me resolver problema nenhum. Pô, já são dez e meia. Não vou falar pra êsse cara que estou casado, não, senão vai querer ir lá em casa, pergunta como foi, se a Rosa é boa de cama e tudo mais. Aquí pra êle... Pois é. Mas quanto tempo, hein, rapaz. Você sabe que o Néelson foi prêso como ladrão? Ladrão? O Néelson? Mas porquê que não podia? Nem me lembro direito como é que êle era. Que notícia êle vem me dar, sô. Quase perguntei que é que eu tinha com isso. O cara está começando a me irritar. Que chato. Que coisa, hein, sô? Se não me engano era um mulato alto que morava perto da privada de baixo. Faz tanto tempo. Como ando esquecendo depressa as coisas. Por exemplo, aquêle dia que eu tentei lembrar como é que chamava aquela menina que eu tinha namorado e que depois me trocou pelo Machado, sem saber que êle era bicha. Que mulher burra, meu Deus! Estou morando aquí no Prado agora. Êle está morando no Prado, ora veja. Estendeu a mão sêca e puxou o cordãozinho vermelho. Lá na frente o sinal apareceu. Pare. Bem na cara do motorista. Eu não servia pra ser motorista. Foi parando. Tchau, aparece uma hora lá em casa. Desceu. Andando pela rua com as mãos nos bôlsos. Vou aparecer, sim. Êle não deixou nem enderêço. Como é o nome dêsse cara mesmo? Deixa pra lá. Que bate-papo azêdo, sô. Também eu não podia dizer, por exemplo, que estava fudido, devendo todo mundo e tinha saído do serviço disposto a suicidar. Vim até aquí, nêsse bairro que eu nem me lembro mais que nome tem, se é que tem nome e depois na hora joguei o revólver no mato. Sabe que eu não devia ter jogado fora, cinquenta contos e eu nem acabei de pagar ainda. Eu diria também que joguei no mato porquê não tinha jeito de enfiá-lo, sabe... Deveria ter feito. Êle não teria nada com isso e no máximo diria que a vida é assim mesmo, então eu lhe dava uma porrada no centro da testa ou no meio do ôlho, conforme a presença de espírito na hora. Mandava êle parar de dar conselhos pros outros. Vou descer aquí. Minha mão

puxando o cordãozinho vermelho. Rua outra vez. Tinha uma gorducha sentada do meu lado e eu nem vi.

Lotação arrancando novamente. Vou comprar umas flôres pra Rosa. Ela sempre gostou. Que foi isso? Rua girando. Riscos, côres. O barulho. Borracha. Chão negro. No alto as estrêlas. Estou caindo. Será que fui atropelado? Não vou poder comprar flôres pra Rosa. Não é possível. Gozado, não sinto nenhuma dor. Deve ser sangue essa coisa quente no meu rosto. Gente me olhando. Sai da frente que eu quero me levantar. Tenho de comprar flôres pra Rosa. Inútil. Não consigo mover um dedo. Vou morrer olhando pra cima. Essas estrêlas. Agora não adiantam nada. Fico lírico. Sempre pensei que se pudesse ficava lírico na hora de morrer, faria uma poesia. Amanhã aparecia no jornal, talvez até descobrissem as outras que eu tenho guardadas não sei nem onde. Espero um pouco como quando apagava a luz no meu quarto. Salvado. É sangue mesmo. Quem disse que a morte é doce. É doce só na poesia dos outros, na minha não! Tudo ficando vermelho, agora escuro. Risquinhos azuis. Não sabia que a morte era colorida, sempre pensei que fôsse negra. Ah, isso ninguém me disse. O cara se chama Roberto, me lembrei. Tira essa gente da minha frente. Que escuridão. Mãe! A luz apagou. Que vontade de rir. Todo mundo ia assustar se eu chamo a mãe agora. Avisem lá em casa por favor, meu endereço deve estar no bôlso. Não me toquem, está bom nessa posição. Eu estava indo comprar flôres pra Rosa. Ela é minha mulher, sabe?! É Rosa o nome dela. Mas não ia levar rosa não. Ela não gosta de rosa. Coisa de mulher! Será mesmo Rosa o nome dela? Ah, como ando esquecido. Mãe, apagaram a luz.

ACONTECIMENTO DE FAMÍLIA

GOG

Humberto Werneck

3º Ano — Faculdade de Direito

Quando a mulher, torcendo as mãos, a voz difícil, cabeça derreada, lhe contou enfim que a menina, a única, já não era môça, e contou isso tudo devagar, a coisa lhe custando a sair, o homem pensou primeiro foi na idéia da morte. Imaginou engasgado que ia morrendo, que ia aos poucos morrendo, mãos, pernas, o resto. A velha, que conhecera bem antes o ocorrido, conhecimento que muito lhe custara, carregou com a filha para a casa de uns parentes. Passado o momento do choque o homem sentiu uma precisão de quebrar tudo, e dêsse rompante não ficou coisa inteira na casa. A vizinhança espantada nas janelas: é hoje. Todo mundo sabia — na rua, tirando o chapéu para os conhecidos, êle certamente é que não sabia de nada. Alguns tinham até presenciado (numa noite, sabe?, depois que os pais foram dormir, foi assim e assim) e só agora é que contavam com a bôca inteira, sabedores, testemunhas de dentro do quarto, debaixo da cama, os mínimos detalhes, e o sedutor saindo (do guarda-roupa?), olhos verdes, bigodinho, um metro e setenta. Dependurados nas janelas apagadas, olhos acesos e ouvidos captando a sensação do acontecimento, o pai que gritava, que gritava muito e alto, aos arrancos, o nome da filha. Ninguém no entanto que se metesse: que era coisa séria, assunto de honra, de honra de família.

Depois estalou pesado na cadeira de balanço e perdeu a noção do tempo e de tudo. O padeiro veio todos aquêles

dias, deixava o embrulho na soleira — o cachorro apanhava sorrateiro e descia a rua. A mulher então esquecida, na rua, na igreja, mesmo ali na igreja quando os joelhos penitenciavam a alma de todos os pecados seus e do marido e da pobre filha, mesmo ali era mãe de môça falada, o ôlho vermelho de Deus pesando em cima dela, mãe descuidada, mãe de môça falada: perdão, Senhor. Junto ao fogão, na véspera dos sapatinhos de lã, sentiu que envelhecia depressa.

Tantos dias esperou o homem que a filha voltasse. Na cristaleira, no meio das coisas do seu casamento, ficaram, de puro desgosto, o maço de cigarros, a binga parecendo bala de canhão: êle, mão sôbre o livro santo, nunca mais havia de fumar. Um dia, nem sabe como, perdeu o ânimo de tudo. A filha entrando, maleta na mão, passou por êle sem suspender a vista, nem ôi. De repente foi como se todo o trabalho da vida lhe pesasse muitos anos no ombro. Êle para sempre ficaria no bar, os olhos à beira do copo. Às vêzes, quando as coisas lhe doíam muito, largava a janela e espantava o chôro com um gesto, feito quem espanta môscas. A filha trancada no quarto, no que será que pensava? Uma barriga cresciam imensa no pesadêlo do pai. Na luz da cozinha as roupas se faziam com vagar, dos dedos precisando de nôvo aprender o officio de há tanto tempo.

Um dia: quem que viu o rapaz, e aonde? Nunca mais apareceu, tinha olhos verdes e bigodinho, quem o tivesse visto na sala, perguntando coisas e ouvindo sério, não haveria de dizer. Oh, mas era a vida, falavam. O velho se balançava com o silêncio e as lembranças na cadeira da sala, na cristaleira o maço e a binga. Era a vida, quem que haveria de dizer. De repente dormia.

Uma noite a môça gemeu, veio a mãe, vizinhas apareceram. Os gemidos agora mais altos, vozes, quem sabe se as mulheres rezavam? A cadeira ia, vinha, de nôvo parava. Quando foi de madrugada um chôro destampado — menino ou menina, meu santo?, êle na sala teve um estremecimento, um instante só, logo a cadeira recomeçou no seu ritmo, o homem levantou-se para apanhar os cigarros, a binga.

A CHAVE NO ESCURO

PEDRO

José Márcio Penido

5º Ano — Faculdade de Direito

O calor ocupou a noite e não posso abrir a janela por causa dos pernilongos. Como já superei a fase de olhar os vazios e preenchê-los mentalmente, abstenho-me de sair do quarto e vagar pelos cômodos ocios desta casa.

Tiro agora o paletó de pijama porque é apenas um paletó de pijama e ineficaz como couraça. A noite, embora estancada pela janela, penetrou e me vara, sinto urgência de luz. Meu quarto compõe-se de cama, cadeira, mesa e abajur. Ligo. É côr de pele humana e eu invariavelmente o associo aos que Hitler mandou fazer. Venho aqui só para dormir. Abro a porta da rua e tateio pela sala, pela copa, pelo corredor, até chegar ao meu quarto. Visto o pijama no escuro e me deito sem pensar; raramente preciso de luz.

A casa está nua depois que a despi dos móveis e quadros, já não tendo a quem desnudar. Tirei as lâmpadas dos bocais e quebrei-as. Da talha fiz depósito de lixo. Desliguei a água e as plantas da varanda morrem de sede. Há cêrca de três noites arranquei os tacos do assoalho. Ficaram empilhados perto da porta, dando a impressão de que a casa está em construção e não em ruína.

Agora estou nu, mas sinto necessidade de continuar me despojando. Olho meu corpo descoberto. Sou homem porque assim me visto e como tal procedo. O que se chama de

masculinidade já não tenho, pelo menos no sentido que lhe atribuem. Enquanto macho não me domava, dei origem a tudo: um dia gerei. Ao ser pai, perdi minha mulher, e uma coisa não substituiu outra, ou sequer supriu, porque o filho também se perdeu.

A partir daí desprezei o sexo. Isto agora é apenas uma parte do corpo, inútil como as amígdalas ou o apêndice, que extirpamos quando doem. Uma peça de roupa com que se nasce, mas meramente uma peça e preciso estar nu.

As pessoas tentaram o consôlo. Queriam me obrigar a recomeçar a vida, mas como, uma vida não se recomeça. Uma vida é. Por isso eu me basto, sôzinho em meu quarto eu me acho e continuo me fazendo, não me refaço, como êles dizem, porque continuo integral, não me interrompi nem me parti. Prossigo.

Meus livros eu os depenei um a um. Fazia montinhos com as páginas arrancadas e queimava num canto do quarto. Como não tenho vassoura, diàriamente esfarinho cinzas com os pés.

Tentei deitar-me agora mas foi inútil. Ouvia as baratas escorrendo sôbre as cinzas do chão. A parte da cama que não ocupo saltava por cima de mim, suei, o próprio ar se devorou, levantei-me pegajoso.

Em noites assim costumo beber. Ajo por espírito de imitação, bem sei, mas desconheço outra forma de anestesiarme. Mas sou objetivo: tomo álcool puro. E sôzinho. Evitando os rodeios de botequim e as companhias insossas eu apresso os efeitos. Últimamente, porém, venho sentindo dôres horríveis. Deito-me socando a barriga com as mãos. É o preço do sono.

Esta noite não tenho a bebida. Esta ausência se entranha na atmosfera, estou quase a gritar de calor e de mim, não me contenho e escancaro a janela.

Os pernilongos que entram não deslocam ar: nenhum vento, nenhuma brisa. Sinto-me humilhado pelo gesto inútil de abrir a janela, mas fechá-la seria reconhecê-lo. Doravante não terei mais desejos, não hei de querer nada, mas isso já é

querer alguma coisa, pois bem, eu não quero mais querer, mas isso também.

Tinha me prometido não fraquejar, esta mesa já foi muito azeitada. Tento enxugar os dedos e os olhos, mas perto das mãos não há panos. Esfrego-as na coxa molhada de suor e mais se ensopam. Vejo que me esvaio, tenho medo, dou um pulo da cadeira e me enxugo com o pijama.

Atiro longe as duas peças e percebo que tombam sôbre a carcaça de minha máquina de escrever. Eu a destruí parcialmente, várias noites seguidas. Tecla por tecla, número por número, consoante por consoante, vogal por vogal. Atirava-as pela janela e quando chegou a vez da pontuação as meninas do vizinho deixaram de catá-las e brincaram de formar palavras.

Agora estou calmo novamente, com a certeza de que a morte se exigiu. Venci desta vez mas tenho pavor dessas horas, receio descontrolar-me, moro numa avenida veloz. Enquanto dono de mim não penso em suicídio. A morte não me atrai, é cêdo. Meus sentimentos não me espremeram o bastante, tenho defesas ainda, como os dentes, que conservo para calcá-los nos lábios em momentos insuportáveis. É quase só o que trincam. Ossos diàriamente despontam em meu corpo.

Meu quarto não oferece armas de auto-extermínio. Num de meus repentes eu poderia criá-las, sem dúvida, mas sua indústria seria menos breve que o repente. A morte está, isso sim, na avenida, e a distância que a separa daqui é inferior à duração de uma crise. Confio poder esfriar-me no percurso, mas como medida de cautela escondo a chave da porta cada vez que entro em casa. No escuro é impossível achá-la. Por duas vêzes procurei-a louco entre os cacos das lâmpadas, lanhando depois e esmurrando inútilmente a porta.

A noite envelheceu e o sol não tarda. É tempo de vagar pelas ruas até a noite. Quando voltarei.

Só espero que o dia clareie para eu poder encontrar a chave.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS

SEMIFACIO

NALU

Elisa Maria Pereira

4º Ano — Sociologia e Política —
Faculdade de Ciências Econômicas

I

No princípio era o tempo, o tempo era sempre e êle não sabia. Ele estava no princípio amanhecendo. Um dia, quando eu fôr grande, vou subir numa montanha e encostar a mão no céu. Pra que? Sei lá. Tudo o que é perto é bom; mamãe na cozinha, algodão-doce na esquina, domingo depois de sábado... Longe? O sem-nome, o desconhecido, o que dava medo. A gestação da dúvida?

II

Houve um tempo em que a dúvida se chamou curiosidade. Mas as respostas ainda eram perto. O «quem faz» de cada coisa era uma máquina própria. Não procurava além. As coisas eram. Eram?

III

O que é? O que não é? Quem faz as máquinas? Como?... Passado, presente, futuro, Merda, rotina, não pode ser assim, será sempre assim....

III-1/2

O amor é absolutamente e paradoxalmente a solidão existe muito em cada um. Estou apaixonado pelo ódio que sinto pela opressão. É preciso inventar um viver cada momento..... Ser — existência — projeto... Guerrilheiro, atômico, subdesenvolvimento, tédio, angústia, bar, beattles, insônia... Onde o gesto? Palavra rejeita minha ternura, palavra às vezes diz tanto, outras dormem em mim nunca ditas, o amor me faz poeta impossível, riso é tão bom... queria derreter em lágrimas a tristeza tanta, mas... Plenitude da dúvida. Eu queria... eu queria...

VERÃO

KY

Duflio Gomes

2º Ano — Faculdade de Direito

Tempo de sol em mim. Calor animal, suor e corpo meu, o verde fôlha não caindo, o céu de metal. Verão. Meu corpo aqui buscando o nunca achado, o gôsto que tem essa estranhíssima estação, o sol que ela nos põe nos olhos, o desejo interior, os braços, tronco e pernas, ali marchando, suor e sombra ao longe. Verão.

Era de outro tempo um outro verão. Menor. Verão e água. Peixes. Corpo assomando, sem consistência. Ou já a consistência se firmando? Nestes verões que agora sinto, já um corpo crescido, pêlos e carne pouca, experiência anterior, sofrer de olhos que se molham, estradas caminhadas. Barreira. Dali para cá, novo verão. Eu lá deitado, o sol em cima. Mas eu não quero outra coisa na vida senão deitar-me sob o sol, cama de lona, meu peito quente, a pele branca branca branca começando o bronzeamento desigual pelas partes inteiras, dos pés à cabeça. Eu já me viro. Costas, arqueamento ali da espinha, cabelos, pêlos, sol, suor, tostado. Abro meus olhos. Estou em cima. E se já bóio é sonolência. Verão com frutas. Melancias cortadas ao meio, vermelho sangue e gôtas de gelo, copos inteiros com caldos, frutas espremidas, óculos escuros, tempo verão-ereção.

Música. Tropical. Brasileiro. Meu sorriso branco, a barba em volta, o cabelo se virando com um vento morno. Vozes chamando. Verão. Motivação. Pássaros em cima. Meus braços estendidos ao longo do corpo. Eu ali seguro de mim mesmo. De minha solidão tranqüila. Nada me tira o sol, sua luz tão coada, onde onde onde onde inventaram êsse calor que é o princípio do sono. Rádio de pilha. Minha sandália. Minhas pernas são feias, sabe? Tortas. Horríveis. Lindas. Eu as contemplo. Olha. Eu todo ali. Meu corpo. Eu descubro meu corpo sob o sol. Verão. Você gosta de verão? Aimez-vous l'été? Quem, para me compreender. Chato ser como eu, trancado, ninguém participa de minhas reivindicações. Sou maluco, me disseram. Sabem por quê? Porque como melancias molhando os seus pedaços em copos cheios de rum. E fujo da realidade. Eu posso conversar com você durante quinze minutos sobre política ou futebol. Depois paro. E esnobo você. E posso comparecer a uma festa a rigor vestindo somente uma calça americana e uma camiseta com o retrato de Sartre. E se eu sorrir para você não é porquê estou feliz. Pelo contrário. Me gozam até hoje de certa vez que atravesssei uma avenida vestido apenas com uma cueca. Era preciso, sabe? Tabu, êsses troços. Se você é quadrado, tá roubado. Dorme cêdo? É lúcido? Eu, numa rodinha de gente me engulo inteiro. Conto as piadas e não rio. E posso estar aqui junto de vocês e sair voando para dentro de mim mesmo. Vocês não me descobrirão nunca.

Abrir pergaminhos. Verão. Lição número um: trancar os corpos dentro dos armários, hibernar no verão. Difícil, não? Você já viu essas fôlhas sêcas que ficam boiando sobre um lago parado? E cartão postal? Aquelas tôrres tôdas, inalcançáveis.

Quando é tempo de verão às ruas se enchem. Eu atravesso uma rua. E me perco no meio do povo. Vocês não me acham, juro. E posso estar ali comendo um cachorro-quente, também. Ou batendo a carteira de um homem rico. É diferente, não é? E é verão. Para se ver o que o verão provoca em todos nós: uma loucura individual ou coletiva.

Sòmente minha. A iniciação se faz ao zero ano de idade. Descobri o verão e fiz dêle meu companheiro de fogo: chamas para minha loucura. Sou desligado, sabe? Cordão umbelical do mundo. É bom fazer-se de trouxa. Leva-se uma vantagem tremenda. Aquela estória de bater carteira. Ou beber cerveja com canudinho. Posso também dormir uma noite inteira no ôco de uma árvore. É verão. E amor se faz.

Você já viu essas tremendas bonecas de biquini? Meu Deus, que coxas!

Se eu fôr em uma festa me deixem beber e comer o tempo todo. Estou com fome e sêde. É verão. O sol dentro de mim. Falei com a bôca cheia?

Sabe, isso não é brincadeira. Um verão é uma coisa muito séria. Um gôsto de leite subindo do corpo, mosquito voando, um cheiro quente de sol. Êle se divide, o sol. E nos subdivide. Eu, em minha casa vejo o chão com outra dimensão, um estalar de móveis à noite, a noite correndo devagar, pejada de calor, o asfalto e o seu cheiro, a carne de flor pisada, o calor subcutâneo (com pele fria).

Segunda lição: o bom do calor é a tonteira que êle provoca. Eu não posso ensinar para vocês um verão inteiro, aquela coisa tôda de se deitar em cama de lona ou tomar limonada com gêlo, passar os gêlos, depois, sôbre o corpo. Termômetros estourando. E aves, frutas. Por quê no verão os frutos crescem? Abacaxis, amarelo grosso de polpa escorrendo, enfiar a fileira dos dentes na carne grossa do abacaxi, a coroa de espinhos prêsa nas mãos, a bôca inteira enterrada ali, abacaxi. E bananas. Você pode fazer um coquetel de bananas no verão. É uma boa pedida. Mas fique por conta disso. De se cuidar no verão. Abacates, também, suas texturas e tessituras.

Verão é fruta. Assar uma pêra d'água no asfalto pelando. Laranjas, dúzias delas, descascá-las com canivete. Cortar um dedo. Enfaixar. Fica bonito, no verão. E plantar um troço qualquer. Regar de manhã. O troço cresce depressa, no verão. Usar calça larga, pano leve. E camisa de côr ber-

rante, largona. Tudo assim de largo, panos largos, velas enfunadas. Água. Nas ruas, poeira. Andar quarteirões no verão. Sentir o cheiro de pão fresco e de revistas novas nas bancas. Olhar nada com olhos vazios. Satisfeito, apenas. Verão, tão uma vez por ano. E quando chega é o se deixar ficar, o corpo lasso, felicidadealinochão.

Um verão se faz de sol. Um suor escorrendo é bonito de se acompanhar em nosso corpo: a água sem leito ou margens, afluentes que se encontram, ilhas de pele, enseadas. Geografia do verão. E peixes. Verão-gigante. Eu posso ficar louco dentro de meu verão. Um aquário que se constrói com cubos de ar, viração da tarde. Uma tarde de verão é tão tarde de verão. Quase ninguém pode compreender isso. Eu compreendo. E amo. Aquê cheiro de leite no corpo inteiro. Mas um verão de cidade grande, assim, os edifícios, o ar tremendo (aquilo é fumaça ou é ilusão de ótica ou é vapor de ar, o que é aquilo).

Por quê amamos o verão? Chato não poder falar a vida inteira de verão. É um tempo quente, sem dúvida. E você abre tôdas as janelas, varre uma vida inteira, lava tudo. Uma piscina. O corpo se enterrando na água. Vapor de corpo quente em água fria. Olhos d'água que fazemos com o cimento. O mergulho total por baixo d'água. A água de piscina: aguazul, aguaverde, aguaclareafria. No verão a gente sente a reviravolta do mundo sôbre nós mesmos. E jogamos o jôgo do sol. O diabo dança em nossa frente uma fogueira invisível. O inferno não é um verão constante? Um moto contínuo de sol nas profundas. Carnaval de calor. Um chiqueiro: verão. Um leitão fabrica o seu verão com restos de comida. E êle sabe que é verão porquê sua cota de comida diminui. E êle sorri para suas crias magras e diz: «isto é verão, meus filhos». E os bichos todos, em suas tocas (êles saem, o calor das cavernas não admite aconchegos) em seus ninhos, em seus galhos e locas e jaulas e túneis. O êxodo dos bichos. E dos homens.

Isto é verão.

Vocês não podem acreditar, é tudo isso muito largo e azul demais, eu caio, você cai, nós caímos, nós todos, eu, você, êle e ela, nós todos caímos num sono de sol (fruta, peixe, corpo de leite, punguista, tonteira, cama de lona, piscina, os bichos, enseadas, peras d'água, asfalto, canivete, coquetel de bananas, flor pisada.)

E do meio dêsse delírio você vem, você vem, você vem, vocêvemvocêvemvemvem.

RL

revista literária

CONCURSO
DE
POESIAS



DUAS MIL VÊZES

MIDAS

Henry Corrêa de Araújo

2º Ano de Letras — Faculdade de Filosofia

*no vietnam
duas mil vêzes por dia
estou em haiphong*

*duas mil vêzes por dia
camponês guerrilheiro
tomo partido partilho
ponta de lança me lanço
ao sôpro quente do vento
sob as bombas de napalm*

*no vietnam
duas mil vêzes por dia
estou em haiphong*

*duas mil vêzes por dia
meus olhos caminham a selva
mastigo flôres metálicas
cultivadas nos jardins da Casa Branca
e minha carne arde nos arrozais
como o sal o sol sôbre as aldeias.*

*no vietnam
duas mil vêzes por dia
estou em haiphong*

*duas mil vêzes por dia
meu sangue é um rio a fluir
nos pântanos de lang son
vermelho rio líquida ponte
aberta via entre a vida
e êste cotidiano morrer.*

SÓBRE O PISTOLEIRO E SUA POSTURA

RODOLPHE MONTCHIEN

Fernando Rios

4º Ano — Ciências Sociais —

Instituto Central de Ciências Humanas

I O PISTOLEIRO MATA POR NÃO TER AMOR MAIOR

que a morte esteja
envolta em ódio
não à própria morte
— crime ausente de presenças —
quando a bala
baixo relêvo
segmenta os poros

essa angústia
semibarrôca
não abranda a face
nem aumenta o ódio

eis a profissão divina
em competente aprendizagem
(paisagem
covardia de viver
perpetuado no corpo que tomba)

o pistoleiro
pisa o chão de pedra
contempla o morto

nem lhe deseja boas idas
nem vindas
sômente morte estatelada

não flôres
nem rezas

nem holofotes sôbre o rosto

um punhado de terra
uma orelha cortada
cavalo fugido
o pistoleiro
o pistoleiro
meia volta no tempo
seu sorriso claro
semi aberto
seu gostar da morte
seu prazer de claros
seu trabalho escuro
sua vida airada
seu andar jogado
sua presença única

a paisagem
pistoleiro sertão

II O PISTOLEIRO MATA PORQUE MORTE É POSSE DE DEUS

com fôrça nas mãos
fuzil ou revólver
mira posta
alvo móvel
ação para compor o homem
na sua posição final

o pistoleiro
ereto
sôbre vê a paisagem
na perspectiva do morto

ultrapassa o morto
com seus pés
para lá para cá
obra sua
dever seunão pelo pagar em dinheiros
(pelo prazer de se postar sôbre)

a morte do morto
não frequenta embornal
sômente o olhar
que o pistoleiro aceita
escurece horizonte

não há mundo
nem submundo

só arma e mão
o ôlho do pistoleiro

hora de morrer
determinada
o pistoleiro se posta
frente à aridez
homem árido
chão árido
árido grito pulmonar

a bala concentrada bem no interior do corpo

CORPO
o pistoleiro ultrapassa o morto

o pistoleiro
penetra
a dimensão da vida
mando e desmando

III O PISTOLEIRO MATA PORQUE PROFISSÃO É POR E DISPOR DE PERTENCES

esta crise
comunga no agreste
ávida forma
ávido olhar
aviso sem fôrça de repulsão

agredir o tempo
que o pistoleiro dispõe

dispor de pertences
roupa e relógio
fuzil ou cantil

tempo presença
do pistoleiro
tanto faz
dia e hora

sendo momento azado
o pistoleiro executa
dispõe seus pertences
frente-a-frente com a vítima

não há chance
o pistoleiro reclina
aponta e atira

IV O PISTOLEIRO MATA
PORQUE SUA VOZ NÃO AFINA
COM OS HOMENS COM QUEM TRATA

no balcão da farmácia
onde se vende cachaça
o pistoleiro estanca

seu sorriso alimenta
seus goles sucessivos
seu sorriso alimenta
seus goles sucessivos
seu sorriso alimenta
seus goles sucessivos
seu sorriso alimenta
seus goles sucessivos

mesmo quando presente
que seu tempo não faz
um mosquito voar

no embalo da espera
recosta no balcão
nenhuma arma
nenhum gesto
sua imobilidade
seu olho de águia
sua postura envergada
seu ouvido de eco

sua crise pertence
aos homens do mundo
quando um nôvo destino
deve recompor

as mão são suas
as armas são suas
as vestes são suas
tôdas parcas e poucas

todo momento é muito
tôda palavra demais
todo sorriso desnecessário
todo gesto infeliz

o pistoleiro é mudo
de contato com o mundo

V O PISTOLEIRO MATA SUA SOLIDÃO MAIOR

(A) morte de temer
para ganhar
a presença do morto

o pistoleiro fala
solilóquio
com palavra divina

seu dedo compacto
com calos de olhares
(últimos lumens)

o pistoleiro reza

uma solidão maior
lhe acompanha o trajeto
acompanha-lhe o gesto
de despedida

despede-se o pistoleiro
enfrentando a solidão
sólida semente
sêco
pensar a arma no escuro
à espera
espreita

o pistoleiro tomba
em solidão maior que a sua

(B) no encontro da noite
o tiro vizinho
arma branca
arma negra

eis a solidão disposta
em martírios e honras
que o pistoleiro não pede
vingança dolida

o pistoleiro sabe
que a morte que é sua
é morte melhor
um tiro de perto
um tiro de longe
que o pistoleiro não tem olhos
quando não é hora sua

(C) o pistoleiro calma
sempre sabe seu momento
resumir em final
sua obra devida

o pistoleiro
em seu momento final
é só ele: roupa
(que o pistoleiro reparte
entre corpo e arma
sua força presença)

o pistoleiro
não jagungo-cangaço
mas vibora
(beleza no gesto
atenção no olhar
seu sol de silêncio)

o pistoleiro
relógio de sol
(ponteiro-corpo
combate: pedra corpo
jôgo perdido)

o pistoleiro
solidão maior
o pistoleiro
CORPO E ARMA

CACHORRO MORTO

SIGMUNDO

Marco Aurélio Duarte Gonçalves

3º Ano — Faculdade de Direito

O cão
de rabo torto
ali
morto.

A língua
de pequena
escorre em fita
seu sangue.

O cão
dêsse corpo
está despido
da matéria —
sua ação.

Está fendida
a sua treva.
O universo
reduzido
ao cão
que não se ergue.

E as môscas
os passantes
engolem
o cachorro
imagem e corpo.

O latido
aderido
alí à pedra-
onde se encerra.

De seu gasnar
de fome
agora fica o nome.

De seu
rápido amor
são talvez
outros cachorros.

E agora
em mais que pó
se transforma.

Em antes existido
que não se prende
por tão reduzido.

CONCURSO
DE
POESIAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS

A AUSENTE

UMBERTO "D"

Adão Ventura Ferreira Reis

1º Ano — Faculdade de Direito

escaladas
manhãs
brotam
de seus pés
hirtos e
mudos

plataformas
partidas
entrelaçam
seus dedos
úmidos

seu corpo
de sombra
persegue
os caminhos
inúteis

seus rastros
sobrevoam
montanhas
onde os pássaros
dormem cerzidos
às árvores

só nos resta
o abraço
do calor das queimadas
no lombo dos cavalos misteriosos
e a ponte para o desespero

POEMA II

MARIA

Maria Souza Muniz

3º Clássico — Colégio de Aplicação
da Faculdade de Filosofia

Luto a palavra rebelde
sem esperança de posse.

Só dura o espanto da perda
do verbo sem gôzo

Quero recriar o abismo
dos possíveis sentidos

O apaziguamento final
da palavra domada.

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POESIAS

INCELENÇA

Lauro Augusto Machado Coelho

Este morto não tem corpo
não tem face nem tamanho
não se estende não se enfeita
não tem círio ou lamparina
Não há reza que encomende
esse corpo sem matéria
não há têrço que o amarre
em seu laço de intenções:
esse morto sem coroas
cadáver sem contrição
(que não terá existido
e assim mesmo morreu)
dispensa até orações
Esse morto não se vela
sobre negro catafalco
cercado de chôro e vela
nem terá campa florida
— essa imagem do passado —
sete palmos não precisa —
Não vos preocupeis com êle
deixai-o aí ficar:
que o estendam sobre a mesa
entre copos e garrafa
ou pendurem-no num canto
qual usado guarda-chuva
pouca diferença faz
Inda quando os circunstantes
tiverem se dispersado
aquêle esgar de caveira
da boca que não existe
persistirá como um sêlo
sobre a minha boca triste.

CANTATA

Lauro Augusto Machado Coelho

prelúdio

Quando tu surges tudo silencia
árvores postes se abraçam em biombo
e de meus dedos
jorra música lenta
transparente
envolvendo-te em seus rios de luz
Súbito
 gritos de ametista
 vitrais de canícula
teus olhos claros resplendem

ladainha

No aço espelho das fontes
 teus olhos claros resplendem
na face do tempo a dêste dia —
 teus olhos claros resplendem
na lâmpada azul da lua
 teus olhos claros resplendem
no vento lâmina nua
 teus olhos claros resplendem
no grito do catavento
 teus olhos claros resplendem
da terra no movimento
 teus olhos claros resplendem
nas asas da poesia
 teus olhos claros resplendem
dementes tornados dia

ofício de luzes

Feita piorra de fogo louca perambulas pelos corredores do tempo pelas escadas do espaço Girando furiosamente sôbre teu eixo chicoteias sol à tua volta expulsando a treva para o ventre do oceano E livre e leve pairas em ampla órbita (satélite de teu corpo) em meneios que prefiguram dança

convite à dança

Pois vem vamos dançar!

traz o pífaro a flauta o óboe
a harpa o berimbau e os tambores
faças-te orvalho e caias sôbre o solo
de dança com que possas inventar
arquiteturas novas novas formas
Vem vamos dançar!

Imprime com teus pés (flôres insontes)
na terra que te viu nascer com o dia
a marca indelével de teus passos —
gira até que — exausta e liquefeita —
faz da casca das árvores sapatos
em ramo ou fruto

Vem vamos dançar!

em sarabanda tão vertiginosa
que com letra de fogo se tatue
na chuva a molhar-me a fronte
até que a Lua descendo num glissando
venha depositar em tua testa
seu beijo frio.

JARDINEIRO

P. Pontes

Os pecados da noite, o dia perdoa
Madalena ou Judas, sem distinção.
Então abres os olhos ao dia
Puro, claro, e te levantas
Escravo servil de um mundo estéril.

E andas, e comes, e andas de nôvo
E passas apressado, para onde vais?
Reparas que todos já correm na frente
Precisas alcançá-los, ultrapassá-los:
Em quê, pra quê, por quê?

Pára, môço:

Veja o mundo, não, a cidade, despertando,
Sinta o cheiro do ar, virgem ainda
(mais tarde as máquinas humanas vão possuí-lo)
Sinta a pele em que poros abertos
Respiram com ânsia a lembrança da noite,
Veja a vizinha, o frescor dos cabelos
inda molhados.

Veja o garôto, tão menino! já leva alimentos
para meninos outros, menores;
E veja que mãe, de barriga na frente,
Porá outra imagem no mundo?
E essa môça: que linda e que fresca,
Será caixeira, garçonete, florista, prostituta?
— o ar da manhã a iguala.

Mas não:

Caminhas depressa para junto de corpos
em fila, que andam, que param, que sobem
à posição geométrica do homem.

Nada vês, és máquina

Afinal precisas ganhar o pão
Seu pão.

Não vês que o dia é penitente — está te perdoando.

A aurora é bela — e te atrái.

E caminhas
Te fechas em salas
e falas e fumas
E, se olhas pra fora,
Ê para ver um dia
Que não vês
Dia que não sentes.

Chega:

Precisas descobrir o mundo
Dos poetas, dos que sonham,
O mundo dos jardineiros.

— Ser jardineiro,
— Ah! ser jardineiro.

CONTOS

A BOA PINTA

João Bosco de Araújo Moreira

Inicialmente a pinta. Antes de tudo, a pinta. Deus fêz o mundo em seis dias e, no sétimo, descansou com muito bom humor. Afinal, tudo certinho e justo (Deus pensava na pinta). A pinta nasceu sob signo de peixe. Imediatamente após, foi projetada no espaço. Pílula, moeda, orifício feito com furador de papel, disco de iê-iê, poço, cápsula espacial, são projeções da pinta. Um microcosmo a pinta. Aliás, discovoador é projeção ótico-espacial da pinta.

A pinta é, em suma, ponto inicial, marco zero, ponto de equilíbrio e convergência; o princípio e o intraduzível de minha amada.

Tentemos defini-la. A pinta. É um fenômeno epidérmico caracterizado por graciosa concentração pigmentária de coloração escura e contôrnos abstrato-arredondados, localizada, exótica e sofisticadamente, na ponta do dedão do pé direito de minha amada. Detalhes acessórios. Precisa, incisiva. Sôbre o escuro da pinta há um aveludado apenas comparável à begônia.

Minha amada possui detalhes singularmente requintados, cultivando-os com bossa e caprichos ultramoderninhos. Nenhum, porém, como a pinta (as curvas de minha amada são, precisamente, reverberações da pinta). Transcedente a pinta na ponta do dedão do pé direito de minha amada. Com transparência e ritmo de música árabe, combinada a hieróglifos hititas. Olhando fixamente a pinta acho que já pratiquei ioga. Se a pinta tivesse um pouco mais de prática, hipnotizava. O aroma da pinta é o do jasmim desabrochado ao primeiro orva-

lho da madrugada em que as odaliscas executarão, com seus véus, a dança do ventre.

Assim por exemplo. Se não fôsse a pinta, dois e dois não seriam quatro, mas muito ao contrário. A pinta adere tão precisamente, em forma, côr e lugar, à ponta do dedão do pé direito de minha amada, que só pode ser a unidade. Elemento catalizador. Fórmula exata, condensada, da ilha-sonho. Pensamento em pastilha de chocolate. Confete para a gente brincar ontem. Gôta de quase eterno. Pinta. Justamente, desde sempre e para sempre, destinada à ponta do dedão do pé direito de minha amada. Então a amada se levanta da profundidade de sua pinta, minha amada sorrindo. Sob êste aspecto a pinta é pedestal.

Creio ser a verdade absoluta, assim como a beleza, algo semelhante a um caminhão carregado de seixos. Por onde passa, vai deixando resíduos. Minha vida se resume à busca dêsses indícios, nos caminhos da verdade e da beleza. Um dos indícios mais notáveis que já encontrei até hoje, foi a pinta. À simples visão da pinta, ocorrem-me repentes de brinstorming, torpor vegetativo, atração tátil e, ocasionalmente, de psicocatar-se. Cheguei a ver a pinta girando sôbre si mesma com a velocidade do mundo. Agora, apenas iniciado no ascetismo e na psiconosia, sei que êsse movimento, densamente interior e de elevado teor humano, equivale a uma espécie de atração cósmica. A pinta é simples e acessível, inclusive. Despojada. Esculpida. Boa pinta.

Inconscientemente a par do valor de sua pinta na ponta do dedão, minha amada anda sempre com o dedão de fora. De sandália, chinelo, descalça. Onde minha amada vai, a pinta vai sempre na frente, feito uma luz, intuindo. São claros os caminhos de minha amada. Por experiência própria a amada sabe que não tem nada a temer. Está convenientemente equipada com uma pinta na ponta do dedão do pé direito. Talismã. Bússola. Pára-choque. Op enfeite. Pop arte. Pinta tudo. Pinta o sete. Estrêla no chão das realidades da amada, para minha amada só pisar nuvem. Há milhares de anos minha amada levita. Navegando em sua pinta. Meus braços em forma de pôrto.

A pinta é, em suma, o ponto final de minha amada.

PRELÚDIO

Luis Gonzaga Vieira

Ele não gostava de ninguém. Quando pensava em amor pensava desse jeito: je n'aime personne, dizendo isso não por esnobismo mas porque a frase já era viciada nele e ele nunca tinha dito a ninguém, havia apenas pensado nela. Durante oito anos lubrificara a engrenagem que a mãe oferecera, a mãe fez o que era melhor mas ele fazia a lubrificação com raiva, como se aquilo fôsse levá-lo ao suicídio. Durante esses oito anos (entre 20 e 28 anos de idade) cometia os mesmos gestos e não se envergonhava deles porque havia muitos companheiros. Mas os próprios companheiros eram sintoma de uma doença qualquer, ele nunca morou em roça, nunca apascentou carneiros, apenas de vez em quando visitava cidades de interior, mas visitava com a preocupação de quem não quer esquecer a cidade adotiva que era a cidade de origem. Visitava os amigos de infância que eram grandes e que tinham filhos, os filhos engatinhavam na terra e não levantavam a cabeça, os pais achavam bonita a brincadeira das crianças e imitavam os meninos. Um deles nasceu morto e o amigo ficou triste por alguns dias, depois esqueceu.

Nestes longos oito anos ele se anulava para contentar a mãe, tanto que os amigos batiam a picareta no corpo para polir as arestas e fazê-lo semelhante aos outros, caso contrário ririam dele. Frequentemente a espuma subia no copo e molhava a mesa do bar, ele não entendia por quê mas continuava agindo do mesmo modo. Sempre teve a mania de piscar o olho esquerdo com mais força. É verdade que sofria da vista e precisava de muito esforço para enxergar as imagens que se postavam na frente. Esfregava a mão no rosto para tirar o suor ou para aliviar a cabeça ou mesmo, para desviar o pensamento. Ia falando alguma coisa e rabiscando a testa do companheiro no bar, com o tempo a dor de cabeça fugia do companheiro. Lá pelas três da madrugada os dois pagavam a conta e iam embora pra pensão, naquele tempo ainda havia bondes na província.

— Se você fôsse tão velho quanto eu, garanto que nos entenderíamos melhor. Aquela mocinha é muito bonita, concordo, mas ela tem menos de 20 anos.

— Em geral a idade não conta.

— Assim, superficialmente, não. Quando eu tinha 20 anos ainda havia bondes na cidade, não sei se você lembra. Essa menina já nasceu com avião a jato, ela tem uns 18 anos e sente-se velha. Eu tenho razão de sentir-me velho porque tenho costume de olhar pra longe.

— Isso é desculpa.

— Não, não é isso. Velho não quer dizer desiludido, quer dizer um sujeito que toma um copo d'água sem pestanejar e sem desejar outro copo d'água naquela hora.

Quando terminava de engraxar a máquina e se despedia dos chefes com aceno de cabeça, êle tirava o cartão de presença e batia o cartão no relógio. Às seis horas da tarde todos saíam pelo portão de ferro, conversavam aliavidos no portão e se dispersavam. De tal modo êle estava metido na engrenagem que saía quase correndo do serviço e ia direto pra casa, como se tivesse uma coisa muito urgente pra fazer. Corria pra casa, sentava-se na cama e ficava à toa, esperando o jantar. Não tinha nem mesmo o expediente de procurar um amigo que não tivesse as mãos sujas de graxa, e beber com êle duas ou três latas de formicida casco escuro e pedir um e outro tira-gôsto, enquanto se conversava sôbre qualquer coisa sem importância ou, pior ainda, sôbre assuntos próprios do serviço. Os casados falavam na mulher e nos filhos, e se reconheciam covardes. Não era bem isso, pois o casado pensa em si nos filhos e na mulher, e o solteiro não pensa, procura sempre alguma coisa para preencher o vazio. Se perguntassem como se fêz tal pessoa, êle não saberia dizer, a convivência estragava o resto ou então êle é que deturpava tudo. O vidrinho de ácido que carregava no bôlso era para espantar os mendigos, às vêzes bebia um traguinho de ácido e o hálito enrugava o rosto dos companheiros. Os companheiros ou não percebiam ou não tinham capacidade pra retrucar. Porque de tanto mexer com as máquinas e de tanto ouvir o alarido das máquinas, os companheiros ficavam inutilizados pra tudo o mais, insensíveis, só sabiam fazer coisas de cidadãos pacatos. Um dia mostrou um livro para o companheiro e o companheiro deu a maior das risadas, o companheiro passava os dedos grossos nas fôlhas e dizia: letras, letras, letras. Como se livro fôsse espantalho. De certa forma êles tinham razão, não entendiam o que aquilo queria dizer, porque afinal aquilo não funcionava com os dedos nem reagia. Máquina sim, máquina era dar um toque ou um murro e ela caminhava, mas livro não.

Durante oito anos êle saía pelo portão de ferro e corria pra casa como se tivesse uma coisa muito urgente pra fazer. Não se podia negar, o portão era limpo, os serventes viviam limpando o portão, e o

portão até brilhava. O portão aberto dava sensação de liberdade. Mas, com o tempo e com o hábito, até mesmo essa sensação de liberdade êle perdeu. E, talvez mais do que isso, êle perdeu a iniciativa de olhar a tarde por trás dos prédios e ver os prédios pegando fogo por causa do sol. Além de ter perdido a iniciativa, êle perdeu a oportunidade, porque às seis horas da tarde a cidade ficava praticamente escura. Em certas épocas do ano ainda conseguia pegar a tarde desprevenida, mas o problema era desviar-se dos carros e, ao mesmo tempo, olhar o céu. Precisava desviar-se não só dos carros que eram muitos mas, principalmente, dos homens que caminhavam tontos no passeio, e êle vivia esbarrando nos outros, tropeçando nas crianças, aborrecendo as mulheres bem vestidas e bem penteadas.

— Cê tá quendo morrer, meu filho?

— Não não. Eu estou só olhndo.

— Olhando o quê?!

O homem fêz um gesto brusco com a mão, mordeu a língua e o pneu chiou no asfalto. O guarda veio e cobrou a multa.

— Toma. Cê paga lá no departamento. Some!

Êle riu um risinho meio sem graça, riso assim meio de displicência e, mais do que isso, de coisa menor que melancolia mas com o mesmo gôsto de melancolia.

— Que coisa! multado por causa de olhar a tarde.

— Não é isso não. Você não foi multado por causa de olhar a tarde, entenda. É que você não vive sozinho e se você não prestar atenção nos outros êles te passam por cima.

Fixamente e com os olhos arregalados olhou para o macaco que estava na jaula e depois arregalou os olhos para o amigo, mas o amigo não entendeu. Êle tinha aprendido essa piada num livro, gostava muito de livro, livro também embriagava. Olhava as pessoas como se elas estivessem envolvidas numa nebulosa que não tapasse inteiramente a imagem, e êle também sentia-se envolvido por qualquer coisa parecida com nebulosa. Relação semelhante a sonho, porque nos sonhos êle raciocinava melhor ou supunha raciocinar melhor, pelo menos era bem melhor raciocinar em sonho, resolver problemas, refutar argumentos etc. Se entrasse na livraria para comprar um copo d'água ou uma laranja mas sem ter dinheiro, ficava cobiçando a água ou a laranja e torcendo pra que elas não saíssem ali da prateleira. Quando arranjava dinheiro, já não sentia gôsto nenhum em comprar, e sofria com isso.

Oito anos demoravam bastante. Mas, agora, vendo êsses oito anos, pensava em brinquedo de criança, uma criança que brincasse de jogar fogo nos outros e risse do espanto provocado. Êle não podia reclamar da mãe, porque mãe era uma coisa que fazia tudo do melhor modo mesmo que êsse modo fôsse o pior, porque a mãe não pode fazer o que o filho

pensa e o filho não pode fazer a mãe pensar diferente, então dá-se um atrito. Cada um vai para um lado e, mesmo assim, se entendem. Ele via a mãe desse jeito, e não podia culpar a mãe, a mãe também foi um acidente, abria a mala e mostrava para o filho espantado: olha, foi isso que eles me deram e foi a melhor coisa da minha vida. Ele olhava para mãe com piedade e tristeza, porque havia tão pouca coisa e a mãe achava muito. Discutia com a mãe, às vezes ficava bravo, com raiva, depois ele se escondia no quarto e os parentes até chamavam o quarto dele de toca. Todos faziam o que todos deviam fazer, não reclamavam nem entendiam direito o que se passava. Ele saía feito doido, esperava a noite chegar, e os olhos se acalmavam com a noite. Havia ruas escuras e bairros com gatos e cachorros, ele podia passar por ali, andar na sombra, andar muito até ficar cansado. Então chegava em casa e jogava o corpo na cama. Gostaria que não houvesse fim, mas que a noite também não passasse, de forma que todos os problemas se resolvessem, precisamente porque não havia tempo para passar. Que o tempo de dormir fôsse tempo de eternidade. O descanso dele era aversão aos dias passados. Até o modo de dormir era de quem quisesse apagar o tempo no travesseiro: encolhido como se estivesse com frio, os braços apertando o travesseiro contra a cabeça e, de vez em quando, a respiração que vinha de repente lá de dentro e era cuspidada pelo nariz, como um jato de sangue. Estava em paz com a mãe e com os irmãos e com os amigos e, até mesmo, com a cidade. Paz significava a distância necessária entre as pessoas. Como não tinha nada contra a mãe e apenas discordava dela em pensamentos, pegou aqueles oito anos de serviço e jogou pro primeiro cachorro, de qualquer modo era um ato de caridade que selava a libertação.

Foi então que se viu livre, ou por outra, sentiu a sensação de liberdade e de alívio. Agora podia olhar a tarde e não ser multado, as môças estavam muito mais bonitas e a própria falta de dinheiro aguçava a revolta dentro dele. Uma revolta lírica, sem dúvida, porque ele tinha receio de ofender a mãe. Era estudante, todos eram estudantes, todos revoltados como ele, embora a revolta dele partisse do ateísmo. Havia sempre a repetição, mas agora ele não sente desse modo, pelo contrário, vê ruas de verdade, asfalto de verdade, homens mulheres e crianças de verdade. Reconhece que tudo melhorou mas que surgiu uma novidade englobando todas as demais: a nebulosa. A nebulosa era uma coisa estranha, pelo menos ele sentia desse jeito. Reconheceu a nebulosa quando notou que só ele era ateu e que todos tinham sentimentos religiosos e que, se os religiosos não o tratavam mal, no entanto tratavam com piedade e condescendência. Não ficava nada cômodo ser uma pessoa única no meio de tudo o mais, e por isso ele não reclamava das pessoas que riam, elas forçosamente teriam que rir, era o argumento mais forte nêles. A nebulosa era a mesma relação entre ele e a mãe ou, melhor

ainda, entre o foguete espacial e o astronauta que adquire uma mobilidade não só aparente como transitória. É quando um homem sobe a escada até perder o fôlego e depois, com o restinho de voz se dirige a um público que não está na praça. A teimosia dele era teimosia de nebulosa, porque ele olhava de todos os lados, furiosamente, como se fôsse possível encontrar seres humanos na rua ou parados na esquina. Ele ainda ignorava, por comodismo ou por medo, que a irradiação atômica não revela apenas um fato científico mas também um gesto corriqueiro como mandar roupa pra lavanderia. Ele chamava de medo aquela falta de percepção. Só mesmo quando espetava o dedo nas feridas que a bomba fizera, só então os outros desconfiavam. Mas desconfiavam de alguém e não dele. Ele não era do tipo vulnerável, porque o corpo nasceu uma chaga só, e não havia nem lugar para os outros espetarem o dedo, como ele espetara o dedo nos outros. Ele não se sentia mais chagado que os outros, mas é que ele era só, por isso sentia mais dores. Apesar disso, achava os companheiros bem bonitos, principalmente as mulheres, as mulheres eram lindas por causa da fome e da subnutrição, a cidade sendo o lugar onde havia mulheres mais lindas. A nebulosa era um sentimento macabro, pois não se compreende como, numa situação dessas, ainda se possa achar beleza nas coisas. Mesmo assim, os homens deformados rezavam ou pediam misericórdia, e tudo era normal, nada espantava ninguém. Essa falta de espanto inquietava qualquer um. Falavam em sinal dos tempos e ele olhava a estratosfera pelo binóculo que ganhou de presente. Houve uma ruptura, uma cisão brusca entre aqueles oito anos e a vida de agora. Via as coisas desse jeito, mas os companheiros trabalhavam como se não houvesse acontecido absolutamente nada. Nem ele podia garantir alguma coisa porque, afinal, a nebulosa dava coceira nos olhos e enganava a paisagem. Só mesmo às seis horas é que ele se reconhecia olhando tarde e prédios, o cheiro da multidão colando no corpo como suor, mas ele não podia garantir ninguém. Os outros achavam apenas engraçado, mas não era assim, em absoluto. Uma pessoa que estende o braço para cumprimentar outra pessoa e só então se lembra de que é aleijado: não vejo que graça possa haver numa coisa dessa. Pois eles riam e não era possível condenar ninguém por causa disso, o riso era espécie de recurso. Na mudança das estações ele sempre se resfriava, por causa da mudança. Oito anos eram um longo tempo, tão longo que não se percebia, então dava-se o choque e o sujeito podia morrer até mesmo numa cadeira elétrica. Carregava o mapa-mundi no bolso da calça, levava o mundo em qualquer lugar que fôsse. Nas horas de refeição falava do mapa, o tempo todo falando do mapa. Um dos maiores motivos por que gostava de sair de noite era que dava um grito e o eco respondia.

— É indiferente que você faça essa criança dormir. Por mais que você embale esse punhado de pano, jamais você conseguirá fazer dele um filho seu.

— Mas eu não estou pensando em filho.

— Não em filho propriamente, mas em pai, o que dá no mesmo.

Apontava um lado e as pessoas olhavam do lado oposto. Chegava em casa e contava pra mãe que eles entenderam completamente errado, mas a mãe defendeu os companheiros e ele fechou-se no quarto. O melhor não era ler os livros, era olhar pra eles, saber que eles seriam lidos, saber que bastava levantar o braço e apanhar o livro que quisesse, e ler as páginas em branco. A coisa mais clara existia no quarto d'ele, o mundo lá fora gemendo barulho desconexo dentro do quarto. Ele não podia confundir-se no quarto, não podia confundir-se com coisa alguma, mas percebia o quarto se entregando. Como quem diz: eu vivo a minha vida e você vive a sua. No entanto havia compreensão até mesmo nos tacos encerados e na radiola estragada, e também na poeira envelhecendo os livros. Os amigos entravam no quarto, sentavam na cadeira de balanço que estava furada e, como cientistas, procuravam conciliar o assunto, tentando ligar um fio no outro, o que demorava anos e anos e nunca podia satisfazer nenhuma das partes. Nem mesmo se sabia qual dos dois era o réu, não havia julgamento. O mundo era um fato cometido, ele e os amigos ilustravam o pecado original dentro do quarto, dava pena. O esforço não resolvia a questão, aumentava a distância. Ele já vira em filmes que o homem faz força pra sair do pântano e que a própria força empregada faz o homem afundar cada vez mais. O esforço é a inutilidade, a vida é o modo de cada um morrer. O quarto estava cheio dessas coisas e esperava-se que os morcegos empestassem tudo. Mas não. Um quarto comum: cama, mesinha de escrever, estantes e livros, guarda-roupa, radiola, cadeira. Na porta do guarda-roupa o retrato de dois meninos se beijando, e na parede o padre barbudo olhando com ternura pra môça nua. A própria persiana, que isolava o quarto do mundo, dava idéia de frio. Muito raramente apareciam pernilongos. Havia uma aranha preguiçosa, sem veneno, que servia para pôr medo nos sobrinhos. Só mesmo a familiaridade é que fazia ver os bichinhos minúsculos, dêsses que grudam no corpo enquanto se dorme e que depois se acostumam com o sangue. Ele olhava o quarto cheio de luz e na parede nascia uma ameiba, depois um monstro, depois um homem e finalmente, um cogumelo côr de rosa. Em cima da estante havia a escultura de um homem nu, pensando.

— Você quer que um sapo não peça esmola na esquina, porque a baba do sapo causa nojo. Isso é mal, muito mal. O que interessa não é a paisagem que fica distorcida, pois sapo é uma coisa que não convém. Quando eu estudava no claustro, eles faziam até inquisição de sapos, esgoelavam os sapos, chutavam os sapos. Você já viu matar gato? É mais ou menos dêsse jeito, com a diferença de que o gato resiste muito mais, é muito mais escorregadio. Eles corriam atrás do gato, cercavam o gato, e jogavam tijolos em cima do coitado. O gato miava de dor e

corria feito um doido, e a turma castigando o gato como fariseu que apedrejasse adúltera. Exausto de tanto correr e sem esperança alguma, o gato perdia o fôlego e recebia a tijolada de misericórdia, o sangue saindo da bôca e o corpo todo amassado. Depois o padre dava um prêmio qualquer. O crime do gato foi ter importunado a turma na hora de dormir. Não estou defendendo gatos, mas não deixa de ser meio sádico aquêlê barulho todo por causa da criatura que não tem raciocínio para se defender ou para atacar. E o claustro cheirava incenso, farinha de trigo e vinho.

Passados aquêles oito anos, êle olhava para o quarto como um condenado que recebe comutação da pena. O barulho que vinha da rua era um barulho distante e amargo, dia de festa em que as pessoas se afastavam da cidade para descansar do trabalho. A buzina dos carros vinha atenuada por causa da distância, as vozes se propagavam como chuvinha miúda que enerva. Ainda por cima estava no mês de agosto e, na falta de calor, veio um frio repentino e mais forte. Os meninos que vendiam jornal apalpavam a barriga dêle, aquela voz aguda que fazia nascer uma coisa bem lá dentro. Parecia igreja na parte da tarde, aquêlê silêncio, aquêlê frio que vinha mais de silêncio que da temperatura, e tôda essa coisa misturada, um corredor de claustro, as colunas do corredor, o pátio vazio com algumas árvores, e um grito que vinha perturbar a calma transparente. O cinema pegava a câmara e fixava a tomada em grande plano, mas o livro continha pelo menos mais de 100 páginas bem distribuídas. O céu nublado e sêco, reflexo de sol em algumas nuvens mais salientes, e os prédios como que estáticos, como se a finalidade do prédio fôsse andar, embora o prédio estivesse parado como coisa muito antiga e escura. Apesar dos barulhos e apesar dos homens que se cruzavam no passeio, estava tudo padecendo paralisia mas vivendo como se não houvesse sofrimento coletivo. Aquela hora da tarde era uma hora única, no entanto êle perdia tôdas as outras horas em outras partes do mundo, era como se êle estivesse sendo ludibriado mas reconhecendo que era improvável possuir tôdas as tardes do mundo, nem seria desejável que tal acontecesse. Em certos lugares havia homens com bombas e satélites, e cobaias quase inocentes serviam de pretexto para a matança, olhinhos oblíquos escondendo o corpo no mato ou furando túneis muito bem cavados. A felicidade dos macacos era pretexto, o livro explicava os pormenores e êle acreditava no livro. Tanto acreditou no livro e nas palavras do livro que olhava as pessoas como prédio fixo mas instável. Não havia a imagem e a reação que a imagem provocava nêle, havia primeiramente os olhos dêle conformando a imagem dos outros e do mundo, como se pelo fato de ter olhos imensos êle aumentasse gradativamente as coisas a tal ponto que não se percebia mais o tamanho da escuridão, a não ser que se riscasse um fósforo. O olho não concordava com o corpo, porque o olho era mais brilhante, daí êles dizerem dos olhos como

janela da alma. É que os olhos sempre brilhavam mais, o corpo eram os olhos. E os olhos, nêle, eram mais brilhantes que os olhos dos outros. Não havia qualquer pretensão nessa idéa um tanto poética, da mesma forma como não há pretensão alguma em se dizer que olhos do marinho são quase fechados por causa do horizonte que êles carregam. O pensamento, que é coisa abstrata, feria os olhos, desenhavam os olhos. Não se queria imediatamente tal ou tal coisa, mas êle agia em direção de tal ou tal coisa, por isso os olhos brilhavam. Várias vêzes já queimara a mão quando esfregava o rosto para esconder o chôro, um chôro que o rosto não queria reprimir de modo algum.

Agora já sabia que os oito anos haviam passado e podia repetir com menos amargura: nunca mais terei 30 anos. Era um alívio sentir o tempo passado mas, ao mesmo tempo, doía a instabilidade com que se equilibrava no trapézio. Porque, em tôda a vida, nunca trabalhou em circo e poucas vêzes foi a circo, e não sabia como os artistas faziam para cometer malabarismos daquela espécie. Não que invejasse homens de circo, apenas queria ter aquela serenidade, mesmo aparente. Não tencionava conter-se, desejava somente encontrar-se, como quem se alimenta por ser êsse o único modo de continuar vivo. A instabilidade do trapezista dava arrepios, mas o trapezista nem ligava pra isso, não lhe ocorria fazer de outra forma. Só que o trapezista não fazia malabarismos para arrancar aplausos do público, o público é que sempre se inquieta diante de gestos estranhos, quer dizer, qualquer gesto fora da linha normal afeta o público. E, mais ainda, o público sente-se meio ofendido porque o trapezista obriga olhar a vida sob outro ângulo e seria bem incômodo que todos tivessem de adotar o ângulo do trapezista. Por isso o público, ao mesmo tempo que aplaude, se arrepia todo. O equilíbrio ficava principalmente nos olhos, na cabeça e na região do peito. A mãe não falava muita coisa, mas êle sabia o que a mãe estava pensando, a mãe queria que êle sâisse do trapézio e andasse em terra firme como os outros, desejava isso, queria que êle se encontrasse com Stela e se casasse e tivesse alguns filhos e fôsse feliz, que êle fôsse um homem apenas ocidental e que comentasse as coisas sem maiores sofrimentos.

— Você pensou que fôsse fácil arrumar, não é isso? Já passaram seis meses e até hoje você não arrumou nada.

Ele então começou a falar de pessoas, de projetos, disse que havia muita coisa pra frente e que, guardando as proporções, a liberdade valia a pena, mesmo que fôsse para reconhecer a inutilidade dela. Ele pensava de um modo e falava pra mãe de outro, a mãe escutava novelas e periodicamente ficava doente e podia morrer a qualquer hora por causa da idade avançada. Ele não queria acusar a mãe, porque a mãe nascera num dia em que houve claridade de lua cheia, num dia dêsses, era bonito ver a lua cheia engordar e alumiar a terra mas, por outro lado, não se sabia absolutamente o que viria depois nem se pensava nisso. A

mãe fôra empurrada sem querer, e as costelas da mãe doíam por causa do desastre. Ele, sendo filho, nasceu também com dores na costela, embora a mãe jamais pudesse conceber que as dores do filho fôsem dores herdadas. Mas, passados, os oito anos, êle canalizou as dores para outro lugar e coloriu a dor de modo diferente, o que a mãe também não compreendia nem jamais podia compreender. Ele não acreditava em culpa, mas não pedia a benção da mãe, porque não gostava que a mãe repetisse «Deus te abençoe». O máximo era acariciar o rosto da mãe, como quem faz a ternura mais triste do mundo: nem mesmo essa ternura a mãe podia compreender, era ternura de gente cansada, cansaço que veio se acumulando se acumulando até parar diante dêle. Então êle viu tudo aquilo, pensou o que poderia fazer de tanto barulho ao redor do corpo e tomou a iniciativa primária: caminhar. Começou andando por um asfalto todo quebrado porque o prefeito da cidade não cuidava dos buracos. Depois cortaram as árvores e êle sentiu outra sensação de alívio, e continuou caminhando. Com muito custo aprendeu desviar-se das pessoas e dos carros e, ao mesmo tempo, resolver qualquer problema que aparecesse na esquina ou fabricar uma solução provisória. O que havia de mais forte dentro dêle eram justamente as coisas provisórias que êle fabricava, resolver uma coisa agora e preparar-se para outra coisa depois. Não contava os dias pelas horas do relógio mas pela idade do universo, por isso tinha os dedos tão longos e a testa larga. Depois acostumou-se com tudo, ou por outra, foi obrigado a sentir-se humano e partilhar a vida dos semelhantes. A salvação dêle estava nas mulheres que passeavam e que eram realmente muito lindas, a beleza das mulheres sendo de tal modo estonteante que êle ficava desorientado. O convívio com elas não diminuía o espanto, pelo contrário, aumentava o espanto de acôrdo com a idade. As vêzes ficava sem saber se o que existia era a beleza das môças ou a necessidade que êle sentia da beleza delas, não sabia se era beleza de verdade ou beleza fabricada. De qualquer modo, sentia-se bem com a cidade e com as môças na cidade, criou o hábito estranho de morar num lugar sem nunca sair dali, não havia tempo suficiente para olhar e sentir tudo o que existia. Os amigos chamavam poeta, outros falavam intelectual por causa dos livros na estante, alguns diziam existencialista por causa da barba crescida. Era agradável sentir que se tinha um corpo apontado, da mesma forma como um espinho fere o dedo e chupa-se o sangue na falta do lenço.

— Mônica veio dizer que a Stela mandou um abraço bem apertado pra você.

Certos amigos falavam que êle era misógino ou diziam que os carecas são inteligentes, os insultos eram sempre muito simpáticos. Stela era amiga de Mônica e Mônica prometeu arrumar um marido pra Stela, e Mônica pensava nêle como provável marido de Stela. Ele pensava em mulher e não pensava em espôsa, e não pensava em depravações a não

ser em sonhos, mas que não o provocassem porque então ele não saberia que ônibus tomar, ele não conhecia o bairro, não tinha dinheiro para pegar um taxi e, principalmente, tinha vergonha de não ter dinheiro. Isso foi nos primeiros tempos, mas agora a situação havia melhorado porque ele chegara num ponto quase limite, exercitava-se na pobreza como aqueles monges que maceravam a carne à procura de um Deus sempre desconhecido e, por isso mesmo, apetecível. Se vivia num mundo de idéias, o que não era correto dizer, vivia igualmente num mundo bastante concreto e estúpido, o que é mais correto. Não que ele estivesse interessado em correção de frases, mas ele estudou muito tempo no claustro e no claustro eles ensinavam filosofia, correção de frases e bons costumes. Foi lá que ele aprendeu não se importar com frases corretas que não levam à parte alguma, não se importar com filosofia de rendinhas de paramentos e de ostensórios brilhantes ou de turbulos cheirosos, nem com bons costumes que geram dúvida na vida particular de qualquer monge. Pensava nas revistas, no cinema, nos homens importantes, embora ele fôsse tido como intelectual só porque colecionava papéis acetinados e vendia máquinas de escrever. Pensava também nos músicos e na música desesperada que eles compunham, sonhava ser um deles como quem sonha com a morte de algum parente, era uma coisa meio lírica e cômica. Como se alguém não acreditasse que existe e você desse nêle um chute pra que ele acreditasse: mais eu menos desse modo. As histórias que falavam de artistas passando fome e passando necessidades eram histórias boas para serem ouvidas mas que não resolviam a fome e a necessidade. Ele nunca passou fome mas começava sentir necessidades, começava sentir necessidades, mas não tinha coragem de cortar o barbante que feria os pulsos, porque os outros eram ainda muito presentes e ele gostava imensamente de si mesmo e tinha uma vaidade bem gorda que pedia alimentos de minuto em minuto. Aquela tristeza antiga havia desaparecido quase por completo, a pior angústia topava com os livros na estante, e então era como se ele visse guerrilheiros morrendo de liberdade mas ele aqui e os guerrilheiros lá longe, os guerrilheiros vinham em forma de notícia nos jornais e viravam assunto de conversa ou pretexto para um gesto mais violento. Ele estava comprometido com tudo, mas não participava de quase nada, ele queria um gesto imenso mas sofria de ananismo. As tentações se acumulavam nos olhos surpreendidos e ele esperava que alguma coisa acontecesse para só então resolver essa coisa. Resolver sendo questão de tempo, o fato de o tempo passar era a solução de tudo. Não mais pensava nos dias seguintes, porque os dias seguintes eram apenas suposição, e o outro dia era sômente a certeza que ele tinha dêle mesmo e de hoje. Houve uma inversão, até certo ponto benéfica. Antigamente ele sofria as coisas, agora a falta de solução era sintoma de coisa resolvida.

Com boa dose de estoicismo êle pensou na semente que, em 1930, a mãe dêle enterrara no quintal da casa. Apesar do mato e das ervas, a semente conseguiu nascer ao lado das árvores. No quintal havia jambo, mexerica, manga-espada, pêra e um tanque de lavar roupa e de brincar. Depois que foi para o claustro, o quintal e a casa foram perdendo o interesse, mas os olhos nunca se acostumaram com o casarão, um casarão que era velho e frio por causa do silêncio, a religião é sempre uma coisa silenciosa e cheia de mistérios, e êle não gostava de mistérios. A vida dêle se fêz de casarão, mas o temperamento era bem outro. Esse temperamento só conseguiu manifestar-se durante aquêles oito anos, depois então nasceu uma tarde que tinha o mesmo significado da noite mas que era uma coisa mais humana, êle sugando a vida e sentindo o vento bater no rosto. A idade procurava equilibrar o entusiasmo de jovem e a velhice própria da terra, e principalmente a juventude de tudo o que existia, que era uma juventude provocada pela velhice ou, melhor ainda, por essa tendência em medir as coisas e em querer comparar o homem com êsse tempo que não era nem tempo nem espaço mas apenas, o espanto do homem em sentir-se tão diminuído. O problema era olhar as coisas, sentir as coisas, viver as coisas, êle sendo um homem postado ali na esquina por tempo indeterminado, e o mundo inteiro jovem demais para acreditar na própria velhice. E êle, afinal, era tão feliz quanto se possa agüentar uma palavra dessas, agüentar sem sentir calafrio e sem desejar mais nada a não ser, paradoxalmente, o gradativo aumento de desejos e o equilibrio na corda bamba ou no trapézio.



ENSAIOS

IEVTUCHENKO

Introdução e tradução de
Lauro Augusto Machado Coelho

A 25 de fevereiro de 1956, no XX Congresso do PCUS, o primeiro ministro Nikita Khruchtchóv lia um informe sensacional sob muitos aspectos: «Com o fim de não mais repetir os erros do passado, o Comitê Central declarou-se resolutamente contra o culto do indivíduo. Consideramos que Stálin tem sido louvado em excesso. Lenin pusera várias vêzes em relêvo o fato de que a modéstia devia ser uma das qualidades essenciais de um verdadeiro bolchevique. Teríamos de examinar muito sèriamente a questão do culto da personalidade. **Temos de abolir o culto do indivíduo(...) por ser êle estranho ao marxismo-leninismo(...)** Terão de ser postos novamente em vigor de maneira completa os princípios leninistas da democracia socialista, tal como foram expressos na Constituição da União Soviética e lutar contra a torpeza dos indivíduos que abusaram de seu poder.» (1) Tal declaração, que parecia pôr um têrmo a vários anos de abuso, fêz tôda a população respirar aliviada. A ilusão de que, finalmente, a «democracia» socialista abriria suas portas, criou a profunda agitação intelectual a que Êrenburg, em um de seus romances, batizaria de Óttiepel — o degêlo, e que, embora de curta duração, foi de sérias conseqüências para a vida do país, pois a confusão ideológica que se manifestou então excedeu de muito à que se seguira à morte de Stálin, em março de 1953, forçando a reconsideração dos pontos básicos da política partidária e dos próprios fundamentos da sociedade soviética.

Para a literatura, essa época conflituosa foi o prolongamento de um longo processo reivindicativo, iniciado já em meados de '53, através do qual o artista russo, manietado por mais de vinte anos pelas imposições do cha-

1. in Vintila Horia: *La Rebeldia de los Escritores Sovieticos*, p. 116 — RIALP, Madrid, 1960

mado «realismo socialista», única doutrina estética oficialmente aceita, que o transformara num mero agente de propaganda governamental, vinha lutando pela livre expressão de sua arte. Durante essa breve pausa na marcha do totalitarismo, que se encerraria, meses mais tarde, com o sangrento episódio da revolução húngara — e lembremo-nos de que nela um papel relevante foi desempenhado pelos escritores do círculo Petöffi —, o desejo de liberdade, que quarenta anos de terror não tinham bastado para extinguir, gerou uma violenta literatura de protesto, denunciadora dos erros do regime. Alguns grandes nomes da arte russa, votados ao esquecimento pela censura stalinista, foram reabilitados. Obras fundamentais foram publicadas: a peça de Leonid Zorín, **Os Hóspedes**; os panfletos em que Alieksánder Biek exigia a supressão da censura e a concessão ao artista do direito de decidir do que é ou não publicável; o romance de Vladimir Dudintsev, **Nem só de pão vive o homem**; e muitas publicações não conformistas, típicas daquela temporada esperançosa, estampadas na **Literatúrnaia Moskvá**, na **Zviesdá**, na **Známia** e várias outras revistas atuantes.

Inserido nesse contexto é que, repentinamente, surgirá um nome, até então desconhecido, destinado a projetar-se extraordinariamente, até transformar-se numa das personalidades literárias mais discutidas — e discutíveis — da atualidade —: Ievguiéni Alieksándrovitch Ievtuchenko. Nascido em 1933, numa aldeiazinha ponto de baldeação da estrada de ferro Transiberiana, tivera êle uma adolescência agitada, nômade, marginal. Começara a escrever muito cedo, publicando seu primeiro poema em 1949, e desde então vinha poetando febrilmente, já com dois livros editados, mas sem outro sucesso que o de vendagens modestas e parcas referências nas colunas especializadas, sem nada que o distinguisse em meio à verdadeira enxurrada de obras poéticas que regularmente invade as literaturas russas. A escandalosa publicação, no número 10 da revista OKTIABR de 1956, de seu poema **Stántsia Zimá** (Estação Zimá) de violenta repercussão nos centros literários e políticos, pelo qual foi o jovem expulso do Konsomol, é que faria com que súbitamente o público russo se interessasse por seu nome.

Estação Zimá, cuja ação se situa logo após a morte de Stálin, é um marco essencial no processo do degêlo e fornece indícios preciosos do impacto da desestalinização sôbre a juventude, mostrando de um lado a repulsa pela falsidade e hipocrisia e a rejeição franca de tudo sôbre o que se construira a política do período anterior, e de outro o renascimento de um desejo entusiasmado de construir e participar, sucedendo-se à passividade de antes, e de uma firme decisão de desemaranhar a verdade do denso entrançado de mentiras de que vinha sendo feito seu quotidiano. Essa é a atitude básica do poeta que, morto o ditador, toma súbitamente consciência de

«ter vivido sempre num mundo de mêdo,
ter pensado pouco, querido pouco, sentido pouca coisa.»

A certeza de ter vivido passivamente, deixando que os fatos o acontecessem, sem se preocupar em assumir uma atitude crítica diante do que lhe apresentavam como verdade, angustia-o profundamente:

«Compreendi que em minha vida, demasiado despreocupada,
houvera mais boas intenções do que ações verdadeiras.»

Cumpre reformular urgentemente suas crenças, desembaraçar o fio confuso da realidade; mas êle está sôzinho para fazê-lo:

«Sei que outros responderiam fàcilmente
a meus Como?, a meus Quê?, a meus Por quê?
mas, de repente, descubro
que é por mim mesmo que devo achar a resposta.»

Perseguido pela dúvida, o poeta decide voltar a sua aldeia natal — Estação Zimá — numa tentativa de, retracando o caminho de sua vida, encontrar essas respostas: será um minucioso processo de pôr em questão todos os seus atos, procurando sua justificação e sentido. Chegando à aldeia, êle participa de seu dia-a-dia, descrevendo-a não com aquêlê falso tom lírico dos poemas «campestres» da literatura oficial, mas em tôda a sua cruza e realismo: na aldeia vive-se rude, dificilmente e a falta de recursos, a miséria ainda é acentuada pela desumanidade dos representantes da burocracia governamental. Deparando com aquela forma sub-humana de vida, exploração grotesca do homem pelo homem — o contrário de tudo aquilo que lhe fôra ensinado ser o regime de seu país —, descobrindo que por trás da cara dourada e brilhante a moeda tinha uma coroa de cobre azinhavrado, êle se sente terrivelmente chocado.

Num sujo restaurante de beira de estrada, Ievtuchenko encontra-se um dia com um jornalista de Moscou. Essa personagem é um símbolo do revolucionário desiludido que, tendo lutado para construir o mundo de outubro de '17, constata com amargura os descaminhos por que êle foi levado. Dotado de ácida visão crítica, êle censura vivamente o jovem por sua ingenuidade infantil. Ao saber que se trata de um poeta, discute com êle a função do escritor, mostrando-lhe de que maneira foi êle despido de suas sagradas atribuições e tornado mero títere nas mãos da ditadura. Já não lhe assiste mais o direito de recriar o mundo segundo sua sensibilidade: êle deve contentar-se em repetir conscienciosamente, como um bom escolar, as «verdades» que lhe ensinam:

«Que é um escritor?
Não um criador, mas um guarda de pensamentos.
Por trás de seus discursos adocicados
escondem-se tramas tenebrosas

Falamos do que ontem nós calamos
e calamos o que fizemos ontem.»

Nessas últimas palavras, sobretudo, vai uma crítica severa às constantes decisões dos Congressos do PCUS, segundo as quais as verdades de ontem transformavam-se nas mentiras de hoje, e se infamava ou reabilitava um homem de acôrdo com os interesses do Estado. Um beco sem saída, completa o jornalista; o país enterrou-se até o pescoço num pântano de que não conseguirá escapar. A Ievtuchenko, mais do que as acusações desabridas desse homem, abalam-no seu cinismo desesperançado e sua atitude profundamente negativista.

Alguns dias mais tarde, numa feira, êle assiste ao espetáculo de um ilusionista de terceira classe. As mágicas são vagabundas, feitas de truques simples, facilmente desvendáveis, mas aquêlo povo inculto e ingênuo deixa-se lograr. E o poeta reflete:

«Quantas vêzes já vi coisas assim!
Já vi muita mágica velha
exibida apenas de forma nova, dispendiosa,
e em espetáculos semelhantes
bati muitas palmas, como os outros.
Já vi muitas colheres adornadas
quando faltava aveia para a sopa,
e pensei na verdade e na mentira,
e pensei na verdade que se torna mentira.»

para concluir por um julgamento de responsabilidade:

«...Somos todos culpados
dos versos vãos, das citações sem conta,
dos discursos recheados de frases feitas.»

È preciso rejeitar o cinismo, o pessimismo, a crítica apenas destrutiva; Ievtuchenko prega a necessidade do engajamento numa luta consciente para mudar a realidade:

Não é de amor cego que precisamos,
mas de amor refletido e penetrante (...)
Não queremos viver ao sabor do vento,
mas tentarmos compreender nossos porquê.
A busca da verdade é que nos guia.

Com isso, encerra-se sua missão na aldeia. Agora é voltar para Moscou, seu pôsto de luta, e travar ali a acirrada batalha pela mudança do estado de coisas. Ao partir da aldeia, o poeta pára uma última vez sôbre um outeiro que a domina e contempla seu casario cinza e miserável. E a aldeia dirige-lhe uma despedida:

«Já não estás mais sôzinho neste mundo
em tuas buscas, lutas, aspirações.
Não te aflijas, meu filho, se não conseguiste
responder à pergunta que te fizeram.
Sê paciente, observador, escuta.
Busca. Busca. Percorre o vasto mundo.
Se a verdade é um bem, ser feliz é melhor;
sem verdade, porém, não há felicidade.
Entra no mundo, vai, mantendo alta a cabeça,
olhando sempre em frente, atento e cordial,
e tendo no rosto
o açoite
das úmidas agulhas de pinheiro,
e nos olhos,
lágrimas, tormentas.
Ama o povo e serás capaz de compreendê-lo.
Lembra-te de que te vigiarei sempre.
Se o mundo fôr duro contigo, volta para mim.
Agora vai!»

E assim eu fui.

E assim continuo indo.»

Não foram ainda obtidas as respostas que êle procurava, mas algo mais valioso do que elas formou-se dentro dêle: a certeza de que só a indignação e a sinceridade podem levar à verdade, regressando assim ao espírito revolucionário da primeira hora da história soviética, ao espírito de um Maiakóvski ou de um Demian Biédny, mas c/ um idealismo que é agora amadurecido pela experiência que, aliado a um ataque frontal à hipocrisia, à brutalidade e à bajulação, vão ser as características comuns a tôda a poesia de Ievtuchenko, logo promovido em líder da Vanguarda poética russa e em ídolo da juventude soviética.

Um dos aspectos da URSS que mais agradavelmente choca o observador ocidental, é o sucesso ali alcançado pela poesia, sobretudo em meio aos jovens, e que consegue reunir à sua volta auditórios de fazer corar de inveja o mais popular dos cantores de iê-iê-iê. São comuns as tiragens de 100 mil exemplares; os novos livros de Voznessiénski Ievtuchenko ou Akhmadúlina esgotam-se assim que postos em venda, se já não tiverem sido encomendados com antecedência, antes mesmo de sua impressão; os grandes recitais poéticos que, na Rússia de hoje, restauram a tradição de poesia oral introduzida por Maiakóvski, arrastam ao espetáculo a soma por vêzes astronômica de 14 mil espectadores: um verdadeiro jogo de futebol rimado. E verdade que nem sempre é da melhor a poesia que assim se pratica; muitas vêzes o pobre público é obrigado a ingurgitar

insípidos panfletos metrificados, mera propaganda em versos. Mas a juventude parece tomar consciência de que a literatura é uma de suas armas mais eficazes de protesto, e de que cultivando-a e fortalecendo-a tem a seu alcance um meio inestimável de debate e veiculação de idéias. Obviamente, antes a importância social do artista que a estética é que carrega essa multidão de jovens a um auditório, para uma leitura de poesia. A denúncia existente nos poemas sobre a revolução cubana, o ataque ao anti-semitismo russo em **Babi-Yar** ou os golpes certos desfechados contra os stalinzinhos, detentores das posições intermediárias de poder na estrutura burocrática (**Os herdeiros de Stálin**), são responsáveis pelo retumbante êxito de Ievtuchenko mais do que suas qualidades de versificador.

Por outro lado, seria pobre tentar reduzir a apenas isso as razões de seu favor junto à juventude: outras existem. Fazendo sua uma atitude comum a vários grandes nomes da poesia russa, ele dedica-se ao que poderíamos chamar de uma autobiografia lírica, desvendando-se no que escreve, contando seus gostos e antipatias, seus mínimos gestos, fazendo-se personagem central de seu poema e de cada leitor uma espécie de confidente. Assim foram antes dele Blok, Maiakóvski, Essiênin, Akhmátova, numa consecussão do que Borís Pasternak chamou de «a concepção da vida do artista como um espetáculo» (**Salvo Conduto**): um processo de conhecimento do mundo através de uma minuciosa prospecção de si mesmo.⁽²⁾ No entanto, entre esses poetas e Ievtuchenko existe uma diferença fundamental. Nêle não é muito acentuada a tendência ao gigantismo, à megalomania de que parece ser atacado todo gênio poético russo e que os afasta do público médio, transformando-os em monstros sagrados. Ao invés da mística torre de marfim esseniana ou do verso olímpico e extra-terreno de Maiakóvski, o que o leitor encontra é Jenia Ievtuchenko, homem do quotidiano, com quem qualquer um pode se identificar, que fala uma linguagem popular, eivada de gíria e de coloquialismos e que, além disso, tem plena consciência da argila perecível de que é feito, e de suas limitações, que confessa a cada passo. Sabendo-se o poeta de uma época em transição, obrigado a trabalhar em condições difíceis, num país em que a profissão de escritor apresenta tropeços muito particulares, Ievtuchenko reconhece-se imaturo e de estôfo não muito consistente. Através de toda a sua poesia sente-se seu medo

2. Não é demais lembrar que o lirismo pessoal nunca obteve a aprovação do ideário estético oficial. Por dedicarem-se a ele, nomes ilustres como Tsvietáieva, Akhmátova e Pasternak tiveram de haver-se com os céberos da censura stalinista. Por ter sido sua obra considerada *apolítica* — e portanto «nociva ao bem comum» — um gênio da estirpe de Óssip Mándelshtam foi deportado e morreu em um campo de concentração perto de Vladivóstk. Portanto, num país como a URSS, o simples fato de praticar uma lírica individualista já se constitui em ousado protesto.

nunca vir realizar-se como artista — «Será que chegarei/ a ser alguma coisa?», pergunta ele angustiado em um de seus poemas —, medo que se revela também no aspecto apressado, instável e difuso de sua obra. A despeito de todo o entusiasmo que desperta, Ievtucheko é razoavelmente cômico de suas fronteiras e do papel que desempenha na história literária de seu país. Em entrevista dada em Paris em 1963, ele afirmava a superioridade da poesia de Andriéri Voznessiénski sobre a sua, mas, continuava, «sem a minha a dele não teria sido possível». E, realmente, ele é, antes de mais nada, um abridor de trilhas, pelas quais passariam mais seus companheiros — uma espécie de João Batista (a comparação é sua) a preparar o caminho para um Messias poético que virá, um dia, escrever os grandes poemas do mundo socialista —:

«E quando eu abandonar o poema:

— Não vale a pena!

— Vale a pena!

dirá ele

e o continuará!»

Sua auto-análise, a pintura de seus problemas e dúvidas constantes, muitas vezes de feição nitidamente juvenil, concorrem para que toque profundamente a mocidade, ela também perdida em meio à estrada, embaçada por um problema de escolha.

É bem verdade que a medalha tem o seu reverso. O sucesso ilimitado que Ievtuchenko obteve, ainda muito jovem, dentro e fora de seu país, não deixou de afetá-lo — ninguém é ídolo da multidão impunemente. «Por isso talvez é que sua sincera ansiedade consigo mesmo seja, por vezes, empanada pela frivolidade. O desejo de parecer domina a sede de ser; a agitação a respeito de como sou? é interrompida pelas considerações sobre como pareço ser?; o problema do destino do poeta é reduzido às dimensões triviais de um problema de sucesso. Ievtuchenko em seus versos discutirá com tal insistência se sua última aparição em público foi um sucesso ou um fracasso (...) que o tema central de sua poesia — a formação de um caráter — desloca-se súbitamente para outro plano — o da promoção do autor na arena literária.»(3)

Ao lado disso, o poeta tem paradoxalmente a consciência de quão inconsistente é essa vaidade; *Poiézdka v Siéver* (Uma viagem para o norte), um de seus últimos poemas, é dominado pela preocupação de libertar-se desses sentimentos triviais, que o impedem de voltar-se para reflexões profundas sobre si próprio e o sentido da vida. A rejeição da lisonja e da vaidade aparece também como motivo central, em uma das seções de seu poema longo *Brátskaia guidrostántsia* (A estação hidroelétrica de Bratsk), publicado na revista *Iúnost* (Juventude) em 1965—:

3. Andréi Sinávski — «Ievtuchenko» — ENCOUNTER, abril de 1967, p. 36-7.

Meus rivais, esqueçamos a lisonja
e as honras que falseiam a verdade.
Meditemos em nosso destino.
Sofremos todos da mesma moléstia da alma —
a superficialidade.
Superficialidade. Pior do que a cegueira.
Quem pode não quer ver.
Por ignorância, talvez?
Ou, quem sabe, por medo de arrancar
as raízes da árvore que nos viu crescer,
sem plantar outra muda no lugar? (...)
Com as penas de nossas asas domésticas
já enchemos o travesseiro de mais de um pilantra.»

Tais oscilações e hesitações são de se esperar em quem, como êle, é um produto típico do degêlo, fruto contraditório de uma época contraditória, dedicando sua vida a uma arte dificilmente exercida, controlada reprimida e de liberdade ilusória. Isso explica as constantes idas e voltas de seus poemas. Principal responsável pelo restabelecimento da poesia oral e, conseqüentemente, da democratização da arte poética, Ievtuchenko deixa freqüentemente que seus versos se ressimam de uma fatura apressada, descuidada, e de concessões ao gôsto duvidoso de uma massa de ouvintes mal acostumada pelas realizações de segunda categoria que lhes foram impingidas durante anos pelos poetastros oficiais. Sob êsse aspecto êle não possui o rigor e intransigência de Voznessiênski ou Vinokúrov, seus companheiros de tribuna. Abandonando as fórmulas ôcas do realismo socialista e da execranda literatura do prêmio Stálin, êle procurou incorporar à sua poesia as conquistas da grande lírica russa, de Púshkin a Blok e Maiakóvski, e os tesouros folclóricos da canção popular, marchando para um realismo crítico — a literatura do homem que enfrenta o mundo e procura fazer-se questão; mas, de vez em quando, inconscientemente ou não, seus poemas resvalam para mediócras louvações, muito ao gôsto do Estado. Sua obra contrastante e sem muita unidade mostra-nos um poeta de possibilidades ainda indefinidas, em luta com contradições internas não resolvidas, que o obrigam a constantemente reformular sua arte e sua vida.

O Ocidente tem de Ievtuchenko uma idéia absolutamente errônea. A imagem que se fêz dêle através de noticiário de jornal, do sensacionalismo de magazine e da leitura de sua **Autobiografia Precoce**, obra venenosamente anti-stalinista contrabandeada para Paris em 1963 e publicada pela primeira vez em francês — o que lhe valeu aborrecimentos

seríssimos, inclusive a proibição de ausentar-se da União Soviética por vários anos — é a de um poeta «maudit», insatisfeito com o regime e em luta para mudá-lo. Nada mais falso. Como a maioria de seus companheiros, Ievtuchenko não se opõe ao socialismo, não deseja engajar-se numa campanha revisionista. Seus ataques, êle não os assesta contra a doutrina, que sente profundamente enraizada no coração do povo, mas contra os traidores dessa doutrina e desse povo, que fulminou em seu poema **Os Herdeiros de Stálin**. Percebendo o perigo de se sufocar a cultura, enquadrando-a nos limites estreitos do realismo socialista, êle defende uma posição de universalismo e abertura cultural, por oposição à «ortodoxia», máscara para os oportunistas da burocracia:

«As fronteiras me aborrecem.

É desagradável

não conhecer Buenos Aires, Nova Iorque;

queria passear em Londres enquanto me desse vontade

e tagarelar com todo o mundo,

mesmo sem falar direito a língua;

queria dar voltas em Paris de manhãzinha,

como um menino dependurado

no estribo de um bonde.

Quero uma arte

tão multiforme

quanto eu mesmo.»

Não há sentido em proibir o acesso a todo o acervo cultural europeu, em impedir a leitura de escritores como Proust, Joyce ou Kafka, formalmente condenados pelos policiais da cultura; não há em sua leitura, insiste êle, um perigo para a sobrevivência do socialismo. Antes o perigo estaria na atmosfera abafada e intransigente da Rússia de Stálin e de suas crias, que mutila o homem e o desumaniza.

Absurda também, finalmente, é a comparação já feita diversas vezes entre o poeta russo e os beatniks americanos: Mailer e Kerouac, Ginzburg e Corso. A revolta «beat» é fruto de um desencanto entranhado produzido por uma estrutura capitalista, para a qual não se vê nenhuma saída—: sua visão do mundo é desesperada e negativa. A vanguarda russa não é revoltada, é revolucionária. Está descontente não com a estrutura sobre a qual constrói-se sua sociedade, mas com os seus desvios, com as fissuras do edifício, que provocam a injustiça e tolhem a liberdade. Sua luta é positiva e acredita firmemente no encontro de uma solução, na metamorfose do mundo por enquanto iniquo em que vive em algo de mais justo e mais humano. Nessa difícil batalha de todo dia é que, armado de suas qualidades e de seus defeitos, engajou-se o poeta Ievguíeni Ievtuchenko.

CONVERSA COM UM ESCRITOR AMERICANO

«Puxa, você é corajoso,»

disseram-me.

Não é verdade.

Nunca fui corajoso.

Mas sempre achei desagradável
fazer mesuras à covardia de meus colegas.

Não abalei alicerces.

Apenas zombei da pretensão
e da fatuidade.

Escrevi artigos.

Não rabisquei denúncias.

Tentei dizer tudo

o que tinha na cabeça.

Sim,

defendi homens de talento

— os escritores do futuro.

Mas isso não passa de uma obrigação;
não sei por que razão atribuem-no à minha coragem.

Oh, nossos descendentes morrerão de vergonha
ao lembrarem, quando chegar o momento de fazer justiça,
de como, nesse nosso

tempo,

a simples honestidade era chamada coragem...

O JULGAMENTO ALHEIO

Os outros ainda hão de te julgar com um irônico sorriso:

«Sim, ninguém, há de negar
que ele tem talento,

mas é tão jovem...

tão jovem!

Há gente mais madura.

Pra quê essa pressa tôda?»

Sacudirão a cabeça

petulantemente.

«É... os jovens sempre

— não tem jeito! —

querem parecer mais velhos do que são...»

Escute-os,

mas não os ouça.

Os mais velhos!

Dê ouvidos a seu talento, não à sua idade.

Não tema

ser jovem e precoce;

ser jovem e preguiçoso

é que é errado!

Se os sorrisos irônicos se multiplicarem, e daí?

Mais maduro,

não tenha medo de provocar risada

Mais maduro,

enquanto ainda há tempo de crescer

Corra!,

enquanto ainda há atrás do que correr.

A CRIAÇÃO

Não me quero render, no entanto rendo-me.
Cai-me a pena das mãos
e um silêncio apavorante
fecha-me os lábios cansados
Vejo com dor, nostalgia,
brincar sôbre as paredes de meu quarto,
carregados de tudo que é impossível aos homens
dizerem uns aos outros,
os mágicos contornos dos galhos das árvores.
Deitado em meu leito, sinto
que a tempestade tem algo a me dizer
e que dentro do ruído da neve que cai
cada bonde assobia sua canção melancólica.
Os trapos dos cartazes tentam sussurrar,
as lonas das marquises tentam gritar,
a água tenta cantar dentro de seu cano,
e os fios telefônicos balbuciam baixinho.
Mas os homens, pobres homens, inda que sofram com isso,
não se podem ao próximo confiar.
Sôzinhos diante de si próprios, calam-se,
ou contentam-se em menear penosamente a cabeça.
Não, essa noite não posso dormir!
Para ajudá-los a todos,
é preciso que me transforme nessas árvores, bondes, homens.
E volto à minha mesa
e eis-me nela sentado,
eu, que sou sua possibilidade de virem a conhecer-se.
Através de luta e amor, confiar o saber ao homem
é chave que nos abre as portas de nosso próprio eu.

O ENCONTRO

Estávamos sentados no aeroporto
de Copenhague e bebíamos um café atrás do outro.

Lá era tudo fino e confortável,
de uma elegância cansativa.

Súbito apareceu aquele velhote
vestido com um blusão verde de capuz,
o rosto queimado pelo vento marinho.

Apareceu

não,

irrompeu.

Singrava as vagas de turistas
como se perdesse o contróle do timão
e uma barba, semelhante à espuma do oceano,
orlava, alvinitente, o seu rosto.

Andava com ar decidido, desajeitado,
triunfal, elevando ondas enormes
entre as velharias amontoadas
e as novidades cheirando a môfo.

Abriu o colarinho grosso de sua camisa,
recusou vermates e pernodes,
pediu um copo de vodka russa
e, com a mão, jogou longe a soda.

Com suas mãos bronzeadas, cicatrizadas, escalavradas,
o raspar sonoro de suas botas no chão,
e suas calças inefavelmente engorduradas,
era mais elegante que todo o local.

A terra parecia inclinar-se aos seus passos
e ceder diante de sua proximidade.

Meu vizinho sorriu e disse—:

«Olha como ele se parece com Hemingway!...»
Ele andava, revelado por cada gesto seu,
com o passo pesado dos lobos.
Jorrando, informe, de um bloco de granito,
avançava através dos séculos,
inclinado como se numa trincheira,
afastando, à sua passagem, cadeiras e homens...
Parecia-se tanto com Hemingway...
Mais tarde fiquei sabendo
que era Hemingway.

PARA ALIEKSÁNDR BLOK

Quando penso em Alieksandr
e dêle sinto saudades,
não me lembro de seus versos,
mas de uma ponte, do Neva,
de um vagão passando ao longe.
Por sôbre as vozes da noite
lentamente delinea-se
sua vaga silhueta —
suas olheiras, moldura
de dois olhos espantados,
e seu sobretudo negro,
Sombras e luzes se atiram
em meus braços e as estrêlas
despedaçam-se no chão.
Sua longa mãe de cêra
parece indicar-me o alto
E como em um verso obscuro,
cujo sentido me escapa,
a névoa vai envolvendo
o ruído dos vagões,
as pedras, a ponte, o Neva,
as nuvens e Alieksánder.

BLOK — o último grande poeta simbolista russo (1880 1921), de origem aristocrática, abraçou fervorosamente a causa da Revolução, que celebrou em seu poema *Os Doze*. Magistral artífice do verso, exerceu influência considerável sôbre a obra jovem de Maiakóvski, Essiênin e Pasternak entre outros.

BIBLIOGRAFIA DE EVGUIÉNI IEVTUCHENKO.—

- RA ZVIÉDCHIKI GRIADÜCHTCHEVO (Exploradores do futuro), S.P., 1952
- TRIETII SNIEG (Terceira Neve), S.P., 1955
- STANTSIA ZIMÁ (Estação Zimá), Oktiabr, 1956
- SHOSSIE ENTUSIÁSTOV (A calçada dos entusiastas), M.R., 1956
- OBIECHTCHÁNIE (A promessa), S.P., 1956
- LUK I LIRA (O arco e a lira), Z.V., Tiflis, 1957.
- STÍKHI RAZNIKH LIET (Poemas de vários anos), M.G., 1959
- IÁBLOKO (A maçã), S.P., 1960
- BABI-YAR (A ravina das camponesas), Literaturnaia Gazieta, 1962
- VZMAKH RUKI (Um aceno de mão), M.G., 1962
- NIÉJNOST. NÓVY STÍKHI (Ternura. Novos poemas.), S.P., 1962
- BRÁTSKAIA GUIDROSTANTSIA (A estação hidro-elétrica de Bratsk), Iúnost, 1965.
- POIÉSDKA V SIEVER (Viagem para o Norte), Známia, 1966.

A AUTOBIOGRAFIA PRECOCE foi publicada em francês em fevereiro de 1963; não consta que a obra tenha sido editada na União Soviética: a única edição em língua russa foi impressa em Toronto, no Canadá.

Ievtuchenko vem dedicando-se agora à prosa; o Figaro Littéraire de 14-20 de agosto de 1967 publicou sua novela PEARL HARBOUR. Publicaram as obras de Ievtuchenko:

editôras — S.P. Soviétski Pisátiel (O escritor soviético)
M.R. Moskóvski Rabóchi) (O operário moscovita)
M.G. Molodáia Gvardia (A jovem guarda)
Z.V. Zariá Vostóka — (A aurora do oriente)

revistas Oktiábr — Outubro
Iúnost — Juventude
Známia — Estandarte.

RELAÇÃO
DOS
TRABALHOS
RECEBIDOS

CONCURSO DE CONTOS E POESIAS

O concurso de Contos e Poesias para o segundo número da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG recebeu 57 contos e 198 poesias, enviados por 102 estudantes da Universidade Federal e por 3 universitários do Interior: um de Juiz de Fora, um de Divinópolis, e outro de Visconde do Rio Branco. Por questões regulamentares, os trabalhos dos três universitários do Interior não puderam entrar no concurso.

Os 255 trabalhos foram enviados por 9 alunos da Faculdade de Medicina; 33 da Faculdade de Filosofia; 8 da Escola de Engenharia; 25 da Faculdade de Direito; 1 da Faculdade de Artes Visuais; 2 do Curso de Formação de Atôres/Teatro Universitário; 3 da Escola de Veterinária; 1 da Escola de Biblioteconomia; 3 da Escola de Arquitetura; 3 do Colégio Universitário; 1 do Colégio de Aplicação da FAFI, 3 do Conservatório Mineiro de Música e 1 da Faculdade de Farmácia e Bioquímica.

Publicamos, aqui, a relação dos trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos. Os contos e poesias não classificados já foram devolvidos a seus autores.

CONTOS

TITULO	PSEUDONIMO
1 — Lugar comum	João
2 — Eu e ela	Jaime Sir
3 — Sôpro final	Euxistência
4 — Zé Raimundo	José
5 — A aventura	Salutar Moreira Jr.
6 — A chave no escuro	Pedro (3º lugar)
7 — A psicanálise	Henrique de Souza
8 — Jazz	Joaquim Paramigabar

9 — O tamanho da mulher do rei	Yumiko
10 — Mathilde	Palavra
11 — Microconto do vigário	Zé Firino
12 — Mundo solar	Iron
13 — Carta a um amigo	Iron
14 — Último ato	Iron
15 — A cidade úmida	Antoine de Lucena
16 — Rosa	Antoine de Lucena (1º lugar)
17 — Insônia	Marilda
18 — Trinta e quatro anos	Marilda
19 — Presente	Marilda
20 — Glubpazglub	Marilda
21 — Acontecimento de família	Gog (2º lugar)
22 — Quarta-feira	Matheus
23 — Márcio Paulo	Hildo Chôco
24 — O ofício	Conto
25 — Pregação	Láidamo Liro
26 — A festa	Ricardo de Castro
27 — Raízes	Umberto «D»
28 — LSD — ou Didi	Diego
29 — Semifacio	Nalu (escolhido)
30 — No chão	RM
31 — Era côr de argila...	Maria Elisa
32 — Não identificado	Paulo Neruh
33 — Pausa no presente	Alexis
34 — Cisão	Omicron
35 — O inimigo	Diógenes
36 — Tio Jubina	Ajax
37 — Conversas... (I)	A. Queouviu
38 — Conversas... (II)	A. Queouviu
39 — A grande batida	Sem
40 — Porfia	Alves de Ataíde
41 — Das vontades irresistíveis	Benengeli
42 — Verão	KY (escolhido)
43 — Cibernética	Pop
44 — A sopa	Silva
45 — O vovô da Chiquinha	Dino Robson
46 — O encontro	Miranda Neto
47 — O prêto e o negro	Cumatra
48 — Nico pé de prancha	Tião do matador
49 — Três mulheres	Ugo Lidner
50 — Fé	Edu
51 — As palavras	Seixas

52 — Juan Pablo	Seixas
53 — Mariquinha de Copacabana	Seixas
54 — Aventura dum certo senhor chamado João Cascavel	785
55 — Fragmentos do diário intemporal do capitão mor de el Rey	Cap. Cosbo
56 — O sistema social, suas órbitas, seus planetas e suas gravitações	George Dudas
57 — O conto do bilhete	Gibeí

POESIAS

TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1 — Dispersão	Biô
2 — Fl(or)auta	Red
3 — Alucinação	Y Margy
4 — Apêlo	Johann
5 — Verbo ad verbum	Anna Thereza
6 — Poeminha infantil	Seixas
7 — Canção de amar as águas	Seixas
8 — Canto para um rosto que demora	Seixas
9 — Corpo em órbita	Seixas
10 — Não aconteceu	Carpel
11 — O batalhão	Carpel
12 — Na mesa do meu tio	Carpel
13 — Massa	Vinicius Marcius
14 — Requiem	Vinicius Marcius
15 — Letra de samba	Vinicius Marcius
16 — Êxtase	Vinicius Marcius
17 — Ausência	Vinicius Marcius
18 — Paralelo	Vinicius Marcius
19 — Suposição	Vinicius Marcius
20 — Negro	Vinicius Marcius
21 — Você	Vinicius Marcius
22 — Reflexão	Vinicius Marcius
23 — Homem só	Vinicius Marcius
24 — Lutei para ser criança... fui derrotado	Ricardo Jorge
25 — A um pobre pregador de rua	Ricardo Jorge
26 — A uma criança que dormia na calçada	Ricardo Jorge

27 — Comprei uma mulher	Ricardo Jorge
28 — O monstro	Ricardo Jorge
29 — Um momento de ilusão	Ricardo Jorge
30 — Incompreensão	Josué
31 — Angústia	Josué
32 — Destruição	Josué
33 — Desilusão	Josué
34 — Amor	Andrevieswsky
35 — A bomba	Andrevieswsky
36 — Canção de ninar	Jiat Zippala
37 — O mundo e o homem	Jiat Zippala
38 — Lembrança	Jiat Zippala
39 — Lenda do amor perdido	Jiat Zippala
40 — Poema I	Maria
41 — Poema II	Maria (escolhido)
42 — Poema III	Maria
43 — Poema IV	Maria
44 — Felicidade	Ela
45 — Óculos escuros	Arnaldo Almeida
46 — Hoje	José Antônio Alvim
47 — Panfleto	Aníbal Rodrigues
48 — Saudade	Henriquinho Polônio
49 — Súplica	Joemag
50 — A feia	Demos-ten
51 — As árvores da rua	Di-saero
52 — Notas	Lizt-en
53 — Conseqüência	Lia
54 — Crepúsculo	Itaipé
55 — Porquê amar	J. Lagoínha
56 — Mundo	J. Lagoínha
57 — Poema	J. Lagoínha
58 — O velho... o cachimbo... a mão	Lareto
59 — Noturno de Itaúna	Cláudio Martins
60 — Incelença	Claúdio Martins
61 — Cantata	Claúdio Martins
62 — Ser	Otoniel Barros
63 — Resíduos	Hildebrando Falho
64 — Moto contínuo	Omicron
65 — Quadro em negro	Dinamare
66 — Tião	Dinamare
67 — Reflexão	Dinamare
68 — Vago	Dinamare
69 — Balão de São João	Láidamo Liro
70 — Gente quente	Láidamo Liro

71 — Num jantar	Láidamo Liro
72 — Palavras	Helô
73 — Protesto	Jocabat
74 — Imagens de Baependi	Zé Garcia
75 — Meditações à respeito de meu corpo	Zé Garcia
76 — Protesto em dó maior	Zé Garcia
77 — Numa noite qualquer	Zé Garcia
78 — Em busca de uma mulher dançando na chuva	Zé Garcia
79 — Travessia	Sigmund
80 — Jôgo de futebol	Sigmund
81 — O prólogo e o epílogo	Sigmund
82 — Arieta do homem no trabalho	Sigmund
83 — Escassez	Sigmund
84 — À sombra da tarde	Sigmund
85 — Cachorro morto	Sigmund (3º lugar)
86 — Negridão da negra América	Sigmund
87 — Desolação	Miranda Neto
88 — Natureza em festa	Miranda Neto
89 — Despertar	Miranda Neto
90 — O poema da menina	Miranda Neto
91 — Incerteza	Miranda Neto
92 — Morte de Marília	Miranda Neto
93 — Alma inútil	Miranda Neto
94 — ...do coração e da cidade	Miranda Neto
95 — Jangadeiro meu	Miranda Neto
96 — Retalhos de uma vida qualquer	Miranda Neto
97 — Poema bêbado	Miranda Neto
98 — Sonhos e vidas	Miranda Neto
99 — Morte	Miranda Neto
100 — Procissão	Miranda Neto
101 — Luzes e sombras	Miranda Neto
102 — Fim	Miranda Neto
103 — A ausente	Umberto «D» (escolhido)
104 — A chave	Umberto «D»
105 — Mulher	Umberto «D»
106 — Corpo de julgamento	Umberto «D»
107 — A porta	Umberto «U»
108 — Procissão	Umberto «U»
109 — Vietnam	Umberto «U»
110 — À cavaleira do apocalipse	Umberto «U»
111 — Oração	Joana
112 — Paralelo	Jago

113 — Tem	Odin
114 — Planos	Goya
115 — Poema	Goya
116 — Mandacaru	Goya
117 — Confidências	Goya
118 — O trem de carga	Narbosa
119 — Elegia	Annabela
120 — Passagem	Welber Matosi
121 — Os tempos modernos	Carlos Errico
122 — Mensagem	Omicron
123 — História de cada um	Márcio Henrique
124 — Canto	Gilberto Schwann
125 — Ansia I	Conae
126 — Ansia II	Conae
127 — Grandes coisas pequenas	Mel
128 — Izabela Hendrix	Mel
129 — Frustração sorrateira	Vich
130 — Grades	Kaly
131 — O poeta e o mundo	Kaly
132 — Vidas impessoais	Kaly
133 — O canto	Kaly
134 — Ladainha	Kaly
135 — A verdade	Kaly
136 — Amor e sombra	Kaly
137 — Ilha	Kaly
138 — Presença	Kaly
139 — Angústia	Kaly
140 — Os olhos	Kaly
141 — Branco e preto	Kaly
142 — O tempo do homem	Kaly
143 — Eu e tu	Kaly
144 — Alucinação	Kaly
145 — Tempos	José
146 — Tempo inútil	José
147 — Questionário tímido	Maria
148 — O próprio tédio	Victor
149 — Rua Direita de Mariana	Mariano
150 — Nua experiência poética	Izidoro D'Argil
151 — Sombra	Zé Firino
152 — Vazio	Iron
153 — Ecce homo	Iron
154 — Lei vital	Iron
155 — Verde, verde	Iron
156 — Último silêncio	Iron

157 — O pranto da dor	NML
158 — Não chore	NML
159 — Teus olhos	NML
160 — Quando eu morrer	NML
161 — Remember	NML
162 — Horas de tristeza	NML
163 — Noturno I	NML
164 — Noturno II	NML
165 — Em uma sepultura	NML
166 — Outono	NML
167 — Sôbre o pistoleiro e sua postura	Rodolphe Montchien (2º lugar)
168 — Ode Marília-bela	785
169 — Alienação	785
170 — A pomba azul (I)	785
171 — Sublimação	785
172 — A pomba azul (II)	785
173 — As ovelhas de águaviva	785
174 — As abelhas de águaviva	785
175 — Mãos pequeninas	Rosa Agreste
176 — Vagalumes	Rosa Agreste
177 — A queimada	Rosa Agreste
178 — Fôlha morta	Rosa Agreste
179 — Fraternidade	Rosa Agreste
180 — Escute	Rosa Agreste
181 — Roteiro	Rosa Agreste
182 — Recordação	Rosa Agreste
183 — Noite de lua	Rosa Agreste
184 — Anseio	Rosa Agreste
185 — Julgamento	Rosa Agreste
186 — Prece ao vento	Rosa Agreste
187 — Elegia da última esperança	P. de Barra D'antas
188 — A vida	P. de Barra D'antas
189 — Libertação	P. de Barra D'antas
190 — Nada	P. de Barra D'antas
191 — Poema para Tânia	P. de Barra D'antas
192 — Falso Cristo	P. de Barra D'antas
193 — Duas mil vezes	Midas (1º lugar)
194 — Roteiro das minas de Morro Velho	Midas
195 — Poética III	Midas
196 — Grave tempo	Midas
197 — Palavra	Midas
198 — Burguês	Midas

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- 1 — «A Faca e a Pedra» — poesia — Renata Pallotini — São Paulo
- 2 — «Humanidades» — Revista da Universidade Pontificia Comillar Santander — Espanha
 - Nº 40 — janeiro/abril de 65
 - Nº 41 — maio/agosto de 65
 - Nº 42 — setembro/dezembro de 65
 - Nº 43 — janeiro/abril de 66
 - Nº 44 — maio/setembro de 66
 - Nº 45 — outubro/dezembro de 66
 - Nº 46 — janeiro/abril de 67
 - Nº 47 — maio/agosto de 67
- 3 — «Versos Itinerantes — Amazônia» — Caracas — Venezuela
 - Antônio Miranda
 - Dois poemas de Nirham Eros
 - Tradução por Oswaldo Rodrigues
 - Biografia e notas por Rafael Cotorett G.
 - Desenhos por Rubén Chávez
- 4 — «Symposium» — Revista da Universidade Católica de Pernambuco
 - Ano I — Nº 1 — Recife — 1959
- 5 — «Critério» — Revista Universitária de Cultura
 - Nº 4 — Marzo/Abril de 67 — Assuncion — Paraguay
- 6 — «Humanitas» — Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná
 - Nº 8 — Ano 1965
 - Nº 9 — Ano 1966

*Esta revista foi composta e impressa nas oficinas
gráficas da Imprensa da Universidade Federal
de Minas Gerais, na Cidade Universitária, Belo
Horizonte, Brasil, em fevereiro de 1968,
40º ano da fundação da UFMG.*